

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE MÚSICA**

**A MÚSICA DO BEIRADÃO NAS LOCALIDADES DA COSTA DE TERRA NOVA E
VILA DO CAREIRO NO MUNICÍPIO DO CAREIRO DA VÁRZEA ENTRE AS
DECADAS DE 1960 E 1970**

**MANAUS-AM
2018**

REBECA MACIEL SILVA

**A MÚSICA DO BEIRADÃO NAS LOCALIDADES DA COSTA DE TERRA NOVA E
VILA DO CAREIRO NO MUNICÍPIO DO CAREIRO DA VÁRZEA ENTRE AS
DECADAS DE 1960 E 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para apreciação da
Banca examinadora do Curso de
Música, modalidade Licenciatura
Instrumento.

Orientadora: Prof. Dr. Bernardo
Thiago Paiva Mesquita

Co-orientador: Prof. Dr. Rafael Ale
Rocha

MANAUS-AM

2018

REBECA MACIEL SILVA

A MÚSICA DO BEIRADÃO NAS LOCALIDADES DA COSTA DE TERRA NOVA E
VILA DO CAREIRO NO MUNICÍPIO DO CAREIRO DA VÁRZEA ENTRE AS DÉCADA
DE 1960 E 1970

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido em banca de avaliação para a
obtenção do título de Licenciatura Instrumento em Música pela Universidade do Estado
do Amazonas.

Banca Examinadora



Professor Dr. Bernardo Thiago Paiva Mesquita
Professor Orientador



Professor Dr. Rafael Ale Rocha
Professor Co orientador



Professora Ma. Hirlândia Milon Neves
Membro da banca

DEDICATORIA

Dedico,

À meus pais Luiz e Cleonice, in
memória minha querida irmã Paula
Rafaela.

AGRADECIMENTOS

A Deus com palavras de gratidão, por ter me dado fé e coragem para prosseguir está jornada que tantas fases foram difíceis e complicadas, mas sempre me deu força divina para nunca desistir deste curso.

Aos meus amados pais Luiz Manoel e Cleonice Maciel que durante esta jornada foram meu apoio, meu alento, minha fé, minha motivação, meu amor incondicional a vocês.

Ao meu orientador Dr. Bernardo Mesquita pelos inúmeras orientações, direções e ensinamentos, com diversos episódios de paciência comigo, me ajudando com os livros que necessitei para leituras, eu serei eternamente grata a você.

Ao meu co orientador Dr. Rafael Ale que inúmeras vezes teve paciência em anular minhas dúvidas de forma presencial ou por telefone.

Ao grande advento da tecnologia, que encurtou tantas distancias facilitando as inúmeras dúvidas.

Ao Programa de Apoio a Iniciação científica (PAIC), que possibilitou as pesquisas de campo, e tanto aprendizados.

Ao professor Mestre Diogo Navia que sempre teve tanta paciência comigo, e quantas vezes sanou duvidas e me ajudou.

A professora Hirlândia Milon por sua delicadeza e sabedoria em me ajudar nas enumeras vezes em que necessitei.

Ao meu amigo e irmão Ênio Prieto que sempre me incentivou, me orientou, me aconselhou e sempre esteve disposto a me ouvir.

A Nestor Zurita mesmo longe, em outro país, me apoiando a não desistir, me ensinando através da sua disciplina e dedicação a música, por sonhar comigo em trilhar um caminho melhor.

Ao meu amigo Dayvisson Caldas, que não mediu esforços em me ajudar quando mais precisei, e durante a caminhada na universidade foi um amigo alegre, divertido, sempre disposto ajudar, pessoa da melhor qualidade, meu eterno agradecimento.

Aos meus colegas de curso que sempre me incentivaram a não desistir.

A orquestra de Beiradão do Amazonas a qual faço parte com muita honra, e que incentivou a pesquisar sobre a música nos beiradões.

Aos colaboradores desta pesquisa músicos, professores e moradores que sempre me receberam com muita cordialidade e carinho.

Aos professores aos quais admiro, que me muito me ensinaram durante a vida acadêmica.

A todos meu muito obrigada!

TABELA DE FIGURA

FIGURA 1: Praça da Liberdade, está localizada na entrada da cidade. Imagem cedida pelo morador Antônio Vieira, janeiro de 2016.

FIGURA 2: Moradores na praça da Liberdade, Vila do Careiro, início do século XX, imagem cedida pelo morador Antônio Vieira, janeiro de 2016.

FIGURA 3: Imagem do google maps indicando a localidade de Costa da Terra Nova no município do Careiro da Várzea. 03.06. 2018.

FIGURA 4: Imagem do google maps indicado a Vila do Careiro da Várzea em relação a Manaus. 03.06.2018.

FIGURA 5: Sede Careiro Esporte, Vila do Careiro, Município Careiro da Várzea, registro feito em 11.05.2018, acervo pessoal.

FIGURA 6: Sede Mánaca construído a margem esquerda do Paraná do Careiro em relação a Manaus. Imagem cedida pelo morador Antonio Vieira, janeiro de 2016.

FIGURA 7: Sede São Francisco na Costa da Terra Nova registro da sede em visita a comunidade. Acervo pessoal, abril 2016.

FIGURA 8: Músico Puíta tocando em um baile em Manaus. Imagem cedida por José Apolinário, abril 2018.

FIGURA 9: Na imagem, Apolinário José Brandão, o Puíta, tocando em uma festa de aniversário. Imagem cedida por José Apolinário, filho do música, em 30.05.2018

FIGURA 10: LP gravador por Aurélio do sax nos anos 80, acervo pessoal, setembro de 2016.

FIGURA 11: Na imagem o músico Nonato Guerreiro se preparando para tocando em um baile. acervo pessoal, maio de 2018.

FIGURA 12: Imagem da esquerda Paulo Moises tocando saxofone soprano, e direita com seu saxofone alto. Acervo do livro Careiro da várzea história, memórias e atualidades. BEZERRA, 2016. p.274.

FIGURA 13: Imagem do músico Antônio Batista em reportagem do jornal sendo homenageado. Acervo do livro Careiro da Várzea história, memórias e atualidades, BEZERRA, 2016. p.276

FIGURA 14: Músico Eupréprio Pacheco, o Jaú. Tocando seu saxofone na comunidade do Anveres onde reside, município do Careiro da Várzea. Acervo pessoa, foto do autor 2015 (BEZERRA, 2016, p. 278).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTORICO CULTURAL DO CAREIRO DA VARZEA.....	14
1.1 A EXPANSÃO DO CAPITALISMO NA AMAZONIA.....	14
1.2 HISTORIA DO CAREIRO DA VARZEA.....	20
2. NARRANDO AS PRÁTICAS MUSICAIS NAS SEDES.....	26
2.1. SEDE CAREIRO ESPORTE – VILA DO CAREIRO.....	27
2.2. SEDE MANACA – VILA DO CAREIRO.....	29
2.3 SEDE AMAZONAS E SEDE SÃO FRANCISCO – COSTA DE TERRA NOVA.....	31
3. A MÚSICA DO BEIRADÃO ÉIS A QUESTÃO?.....	35
4. TRAJETORIA DOS MUSICOS CAREIRENSES.....	42
5. CONSIDERAÇÕES.....	53
6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	55
7. ANEXO.....	57

Resumo

Esta pesquisa de campo propõe por intermédio da história oral e da memória narrar sobre a música do Beiradão, nas localidades da Costa de Terra nova e Vila do Careiro, ambas pertencentes ao Município do Careiro da Várzea. Tendo como objetivo descrever os contextos históricos e sócio culturais que permeava no período, sobre a música nas localidades em estudo, contribuindo para história local através do olhar de seus colaboradores com papel fundamental dentro das narrativas, pois vivenciaram os processos, transformações e, manifestações culturais de seu tempo. Visando compreender os fatores de sociabilidade das localidades, visto que nas décadas de 1960 e 1970 os contextos eram diferentes dos dias atuais. A música do Beiradão simboliza um tempo da história vivenciado por músicos e colaboradores desta pesquisa.

Palavras chaves: Careiro da Várzea – Música do Beiradão – Localidades

Resume:

Esta investigación de campo propone por intermedio de la historia oral y de la memoria narrar sobre la música del Beiradão, en las localidades de la Costa de Terra Nova y Vila do Careiro, ambas pertenecientes al Municipio del Careiro da Várzea. Con el objetivo de describir los contextos históricos y socio culturales que permeaba en el período, sobre la música en las localidades en estudio, contribuyendo a la historia local por la mirada de sus colaboradores con papel fundamental adentro de las narraciones, por haber vivenciado los procesos, transformaciones y manifestaciones culturales de su tiempo. Buscando comprender los factores de sociabilidad de las localidades, ya que en las décadas de 1960 y 1970 los contextos eran distintos de los días actuales. La música del Beiradão simboliza un tiempo de la historia vivido por músicos y colaboradores de esta investigación.

Palabras llaves: Careiro da Várzea – Musica del Beiradão – Localidades

INTRODUÇÃO

Ao final de 2015 e, durante o primeiro semestre de 2016 tive o privilégio de participar do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), como aluna pesquisadora pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sobre a orientação do Professor Dr. Bernardo Thiago Paiva Mesquita. Até então algo novo para mim dentro da academia, participar de uma pesquisa. Neste período estive vivenciando tanto nas orientações e nas idas a campo, a experiência de conhecer as histórias construídas ao longo do tempo no Município do Careiro da Várzea – AM¹

A princípio a proposta de pesquisa era voltada para os tambores que existem na região, mas acabei me deparando com outros dados que se tornou o título desta pesquisa, a saber a música do Beiradão², que será explicada mais profundamente no capítulo três. Música está que tem diferentes contextos e realidades, seja desde a perspectiva da visão do homem rural, a visão do homem urbano. Me interessei por esta pesquisa por não haver encontrado estudos registrados sobre história musical no Careiro da Várzea, e a relevância de não se deixar perder ao longo do tempo as histórias, causos e relatos que construiu e constrói a identidade desta população.

A partir dessas demandas tive a necessidade de entender o processo ao qual hoje conhecemos em Manaus³ como música do Beiradão. Surge alguns questionamentos: Como surgiu? Em que período da história da Amazônia/Brasil passou? Como se deu os processos históricos culturais na Amazônia, quais os fatores sociais, econômicos e geracionais que permeavam essa música para que hoje fosse conhecida como esta categoria, em que para o homem rural essa música é mais que simplesmente da beirada de um rio, nestas localidades foi uma realidade cotidiana no meio em que estavam inseridos.

Outros fatores foram as questões da temporalidade, pois refleti muito sobre o período ao qual queria escrever, nada mais apropriado que partir do período histórico que surge essa música. Durante as idas a campo foi necessário recorrer aos moradores mais antigos das localidades, pois estes vivenciaram o processo, e os períodos históricos nas décadas em estudo.

¹ Município do Careiro da Várzea que está distante de Manaus há 30 minutos por embarcação fluvial.

² Identificado Beiradão, música que acontecem da beirada dos rios. Segundo Álvaro Maia: intitula-se beiradão a margem dos rios principais, onde se fixaram os primeiros desbravadores e permaneceram seus descendentes. (Maia, 1958, pg. 23).

³ Manaus: Capital do Estado do Amazonas.

A partir da ida ao campo foi possível identificar os objetos gerais e específicos desta pesquisa de cunho qualitativa, desenvolvendo a metodologia para esta pesquisa através da história oral por Pollack (1992), pelos conceitos de música e memória nas perspectivas de Reily (2014) e Portelli (1997), em uma abordagem histórica artístico musical construída a partir da memória social e do sentimento de pertença dos colaboradores que vivenciaram essas épocas no município, recorrendo a fontes escritas e orais.

Optei por realizar entrevistas não estruturadas com os colaboradores entre eles professores, músicos e moradores do município do Careiro, com idades variando entre 40 e 86 anos. Houve algumas dificuldades durante as idas ao campo, pois a localidade da Costa de Terra Nova é um pouco dificultosa o transporte para chegar até o local, são somente duas embarcações que tem horários específicos de ida e regresso a Manaus, diferentemente da Vila do Careiro, que de hora em hora há saída de embarcação fluvial. Além disso, outra situação foram os registros fotográficos, pois o advento da imagem nas épocas de estudos era raro, consegui ainda catalogar algumas poucas imagens relevantes ao trabalho.

Em relação a escrita do texto, no primeiro momento iremos discorrer sobre as formas musicais e interpretações dos músicos, no entanto os músicos tinham dificuldades a me responder sobre música em seu contexto de execução e interpretação dos estilos, por isso tomei a decisão narrar os estilos dentro desta música, trazendo mais para o âmbito histórico.

Os objetivos desenvolvidos a esta pesquisa são de modo geral a descrever através da história oral e da memória social a música do Beiradão, em que momento ocorria essa música? Em que lugar era praticada? Quais os estilos existentes dentro da música? Sua influência sonora. Quais músicos tocaram durante a temporalidade de estudo dessa pesquisa nas localidades da Costa de terra nova e Vila do Careiro no período que compreende as décadas 1960 e 1970, ambas localidades do município do Careiro da Várzea, no Amazonas. Com objetivos específicos a saber: o contexto histórico cultural que perpassou na Amazônia nesses períodos; narrar as práticas artísticas musicais nas “Sedes⁴” do Careiro Esporte, Mánaca e São Francisco. Como

⁴ Sede - local onde ocorria os festejos, casamentos e festas particulares. Normalmente com formato de salão grande feito de madeira, típica construção dos beiradões do interior. Local onde acontecia os momentos de socialização da comunidade. Segundo *Maria das Dores Cassote (Professora de história na Escola Estadual Coronel Fiuza, Vila do Careiro)* colaboradora da pesquisa, naquele tempo as pessoas expressavam como Sede o local principal para socialização da comunidade.

ocorria? Quais os estilos musicais faziam partes dos repertórios das apresentações? E os questionamentos em torno da música do Beiradão, seus estilos musicais e a trajetórias de alguns músicos Careirenses, os quais fizeram parte do cenário da música do Beiradão nessas localidades.

A presente pesquisa é composta por quatro capítulos, no primeiro capítulo faço uma contextualização histórica do período de povoamento da Amazônia, a expansão do capitalismo e desenvolvimento alcançados na região na época da ditadura militar e zona franca.

No segundo capítulo consiste em uma abordagem sobre as sedes, suas construções e estilos musicais tocados nesses períodos. No terceiro capítulo faço uma abordagem explicativa sobre o que é a música do Beiradão e os questionamentos sobre ela, e no último capítulo, descrevo a trajetória dos músicos careirenses que estiveram ativos na temporalidade desta pesquisa, finalizando com as considerações referentes ao texto escrito pesquisa.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO CULTURAL DO CAREIRO DA VARZEA

A abordagem deste trabalho visa um melhor entendimento, propondo como objeto de estudo a contextualização através do viés histórico e cultural, assim pesquisou-se a origem dos contextos ocorridos na formação dos processos de desenvolvimento na Amazônia no final do século XIX até a década de 70, do século XX. Os fatos históricos ocorridos e as questões culturais do período, o novo homem, a nova sociedade e ideais vislumbrados para Amazônia. É impossível falar de capitalismo, desenvolvimento e história do Careiro da Várzea, sem primeiro trazer a luz como se deu o povoamento, o crescimento econômico e populacional que perpassou nesta região.

1.1 A EXPANSÃO DO CAPITALISMO NA AMAZÔNIA

A Amazônia como sabemos é rica em diversidade e biodiversidade, entretanto é relevante discorrer sobre o contexto histórico cultural que perpassa com a expansão do capitalismo que corroborou o crescimento para a região. Em grande parte, palco da mescla de variadas culturas, das quais se agregaram com a vinda de imigrantes nordestinos. O primeiro grande povoamento da Amazônia se dá no final do século XIX, assim a chegada dos imigrantes nordestinos para trabalhar no primeiro ciclo da borracha foi massivo. Segundo Samuel Benchimol aportaram aqui:

uma considerável massa humana de imigrantes nordestinos, aqui genericamente conhecidos como *cearenses*. Procediam geralmente das zonas do agreste e sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio grande do Norte e outros estados nordestinos, sendo tangidos pela seca – imigração da fome -, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa - imigração por cobiça, fortuna e aventura, ou simplesmente por ambos (BENCHIMOL, 1999, p. 135 -136).

Nesse período, no final do século XIX, nos anos entre 1877 e 1880 a região nordestina passa por uma prolonga estiagem de seca dando abertura para o deslocamento.

Uma prolongada seca na região nordestina, entre 1877 e 1880, dizimou entre cem a duzentas mil pessoas e praticamente todo o rebanho da área, deixando um quadro de miséria acabrunhador. Ao mesmo tempo dificultando a reação dos grupos dominantes da região à emigração induzida (pela propaganda e incentivos oficiais) para o Estado dos amazônicos... (CARDOSO E MULLER, 1977, p.26).

Parte desses nordestinos que aportam na Amazônia vislumbraram um novo ressurgir da vida para sair adiante com suas famílias, ou formar simplesmente suas vidas em terras verdes e fartas. Estima-se que:

No triênio de 1898/1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes, no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900 teríamos um afluxo de 158.125 nordestinos que vieram *fazer a Amazônia*, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passado pelo apogeu, até à depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais de 150.000 *cearenses*, totalizando assim 300.000 imigrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920. (BENCHIMOL. 1999, p. 136).

Obviamente o esforço do governo em povoar a Amazônia aliada a seca que deixou em miséria o nordeste brasileiro, ocasionou a migração para região norte a fim de trabalhar no seringal⁵. Os portos de Manaus e Belém por onde se deu a entrada de navios a vapor da época, trouxeram consigo o que seria a nova população Amazônica. Em Manaus, grande parte desse contingente foi deslocado para o interior do estado, a fim de dar o povoamento desses interiores próximos a capital.

A participação do Vapor Pirapama nesse episódio limitou-se a recolher os imigrantes de Camocim e Acaraú e desembarca-los em Fortaleza em 18 de março de 1889. No dia 20 de março, seguiram viagem com destino ao Maranhã, ao Pará e a Manaus no vapor Colombo. No Maranhão houve baldeação dos emigrantes do Vapor Colombo para o Vapor Cabral, por determinação do presidente da Província do Ceará, o que retardou o prosseguimento da viagem, pois foi necessário aguardar a chegada desse vapor que se encontrava, naquele dia, em viagem ao Pará. Finalmente a baldeação foi realizada e a continuação da viagem deu-se à uma hora do dia 24 de março. O jornal *A Província do Pará* que circulou em 28.3.1889, fez

⁵ Seringal: local onde as pessoas trabalhavam tirando seringa das árvores.

registro da passagem do vapor Cabral procedente do Maranhão, com um dia e meio de viagem, em lastro, trazendo 841 retirantes cearenses em trânsito para Manaus. (BEZERRA, 2016, p. 60)

O município do Careiro do Várzea foi um dos principais a ser povoado, por sua proximidade com Manaus, e em virtude das terras de várzea⁶ serem ocupadas para o cultivo extrativista e agropecuário (BEZERRA, 2016, p. 63). Sua proximidade a capital favoreceu o levante desses mais de oitocentos retirantes para trabalhar no município do Careiro, e outras regiões do Amazonas que eram habitados por árvores de seringa, assim ocasionado o povoamento da região.

No início da década de 40, uma nova seca assola o nordeste brasileiro, proporcionando oportunidade para um novo contingente de imigrantes na região, resultando:

A 'batalha da borracha' encontra novamente no Nordeste a fonte de mão-de-obra; e mais uma vez, como ocorreu antes, com em 1877-80, uma severa e prolongada seca, a de 1942, atua como elemento de propulsão virtual. Desta situação resultou uma imigração basicamente familiar...essa espécie de migração tinha o sentido claro de diminuir as chances de retorno, para garantir mão-de-obra. (CARDOSO E MULLER, 1977, p.40)

Anos mais tarde, no segundo 'Boom' da borracha, abre novas expectativas para mais um levante de imigrantes nordestinos, conhecidos como "soldados da borracha", desembarcaram por terras amazônicas, que vieram não somente pela seca que assolava o nordeste, fator que corroborou, mais a nova política do Estado Novo (BUENO, 2012, p. 114) durante o governo de Getúlio Vargas, e a segunda guerra mundial (1939-1945) batendo a porta, requeria um contingente maior de trabalhadores na borracha para poder abastecer a segunda guerra mundial. Vargas adota um acordo com Estados Unidos da América– USA, em 1942, para produzir mais borracha assim abastecendo o aliado na guerra. Em contrapartida os Estados Unidos passavam a investir na indústria no Brasil. Com a necessidade de mão-de-obra, o governo Vargas utiliza a seca como propaganda e incentivo para os nordestinos passarem a migrar novamente ao Amazonas. Explica Bueno:

⁶ Várzea: tipo de vegetação característica da amazônica que passar por períodos de inundações.

De que forma o governo brasileiro procurou organizar aquele novo movimento migratório em massa? Criou-se de imediato o Serviço de Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas (SEMTA) que tinha o objetivo de sanear a Amazônia e a região do Vale do Rio Doce, onde se produzia borracha e minério de ferro, ambas matérias-primas chaves no esforço de guerra norte-americano. (BUENO, 2012, p.102).

Logo após o fim da segunda guerra mundial, a borracha começa a ficar estocada e escoação sofre quedas irreversíveis. A Ásia começou a produzir borracha e se torna na época concorrente direta com o Brasil, os pois países asiáticos encontraram uma forma da borracha ser produzido sinteticamente, tomando assim o mercado e levando a Amazônia a sair da zona de grande exportadora mundial da borracha. Nesse período, final da década de 40 e início da década de 50 - a Amazônia se encontra mergulhada em uma crise, com um grande estoque de borracha sem escoação para o mercado. E afirma também Freitas (2000, p. 105) que “a crise na borracha já era evidente a queda das exportações da produção e na transferência pelo capital internacional”. Pois o “desenvolvimento dos polos de produção dos seringais de cultivo para a Malásia” tornando-se grande produtor e exportando para seus aliados na guerra naquele período (PICOLLI, 1993, apud, FREITAS, 2000, p. 105) e com está situação de decadência, a Amazônia perde seu foco e o governo viu a grande renda das terras sem fim com seu apogeu chegar ao fim.

A população nordestina em que na Amazônia fincou sua vida e veio para povoar falando de Amazonas, a capital e o interior, buscou nestas terras ganhar o pão e trazer crescimento familiar, chegou ao final da década de 50 depois de vários anos de trabalho na borracha, acometida em um quadro de crise e miséria pela falta de trabalho devido ao fim do ciclo da borracha. As outras formas na época encontradas para saírem a diante foi a pecuária, o trabalho com o rebanho, e pequenas plantações.

Os nordestinos que vieram no início do século XX para povoar e trabalhar na borracha, na segunda metade do século, se encontravam em condições ruins e de pouco trabalho. Assim conhecendo a situação que perpassou na Amazônia, temos um panorama de crise econômica neste tempo no final da década de 50.

No início da década de 60, a ditadura se instaura no golpe militar de 1964 e, se espalha pelo país. Conseqüentemente os militares, tentam fazer que a Amazônia se integre ao capitalismo e passe a ser vista como região de crescimento. O governo

ditatorial busca fortemente que a Amazônia seja vista com bons olhos ao restante do país, na esperança de desenvolvimento em um novo plano de mercado, com o capitalismo em alta, uma nova perspectiva para colocar a Amazônia novamente no cenário nacional e internacional de desenvolvimento.

Nesse período observou-se o interesse incessante pelo “afã do progresso, a busca de integração nacional e o crescimento econômico” (CARDOSO e MULLER, 1977, p.7), visto que, o governo Militar buscava que a Amazônia voltasse a todo vapor seu apogeu que se deu no período da borracha. Sobretudo nesta nova fase o processo geral tem como fundamento o capitalismo no Brasil, de igual modo a Amazônia estaria sendo incorporada aos novos moldes seguindo de forma específica para o seu crescimento. Salientando que:

Com o golpe, se instala uma ditadura a serviço do capital monopolista. Não só o aparelho de Estado, mas toda a vida econômica, política e cultural do País passa a ser amplamente determinada pela política de acumulação capitalista acelerada. (IANNI, 1986, p. 17).

As novas visões que foram incorporadas pelo capitalismo viabilizariam as mudanças necessárias para que Amazônia fosse vista novamente dentro do país “*com um olhar purgante de crescimento e modernização*” (CARDOSO E MULLER, 1977, p.12), sendo inserida como o sul e o sudeste ao mapa do desenvolvimento do país. Conforme se deu as mudanças no início da década de 60, grande parte das populações rurais, assim como os imigrantes, dos quais muitos foram para o interior povoar no final do século XIX, para trabalhar nos seringais e pecuária, tendem a migrar para capital com o novo advento que impulsionaria o crescimento. As grandes mudanças de desenvolvimento na Amazônia surgiram nas décadas de 60 e 70.

O novo plano econômico e aporte do capitalismo sendo amplamente difundido em todo país, a Amazônia não ficaria de fora, sendo explorada e havendo campos para fazer deste crescimento o país alavancar. Segundo IANNI (1986, p.60), “foi nos anos de 1960-78, entretanto, que se acentuaram as transformações econômicas e sociais da Amazônia”.

Dentro dos planos nacionais se estabeleceu uma política demográfica a “*Operação da Amazônia*” que traçou uma nova estratégia de desenvolvimento” (CARVALHO, 1994. p 427). Era nesse meio de fomentação cultural da época, o molde

desenvolvimentista do capitalismo para integrar e, “no vasto de paisagens, de guerras, de escuridão, e ruínas que deram início a civilizar e desenvolver a Amazônia em contexto capitalista” (Freitas, 2000. p. 90) que foi propagada as mudanças econômicas e desenvolvimentistas para a região.

As mudanças feitas pelo Estado Militar possibilitou e rearticulo mais fortemente o Amazonas aderindo a uma nova forma de sistema econômico e político. Amazônia passou por grandes transformações viabilizadas no período de 1960 a 1978:

[...] com por aberturas estradas como a Belém-Brasília, em 1960, para ligar a região norte ao restante do país. Logo após, em 1966 criaram a superintendência de desenvolvimento da Amazônia - Sudam, que passou a dinamização da economia amazonense assim também a criação o Banco da Amazônia - BASA, no mesmo ano, em seguida, a Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA, em 1967, e em 1970 o Plano de integração nacional - PIN. (IANNI, 1986, p.60)

Todas essas superintendências são criadas no governo ditatorial. Conforme nos cita Ianni, que:

Entre 1971 e 1978, construíram-se várias rodovias importantes: Transamazônica, Perimetral Norte, Cuiabá – Santarém e Manaus – Caracará (BRH-174) entre outras estradas. E cabe registrar, ainda, dentre as iniciativas federais rurais importantes para a Amazônia, dois planos nacionais de desenvolvimento: I PND, para 1971-74, e II PND, para 1975-1979. (IANNI, 1986, p. 61).

Tanto IANNI (1986) e SILVA (1999) afirmam que nesse período o governo ditatorial não mediu esforço para integra e dinamizar a Amazônia. Nesse mesmo período, no início da década de 60, verificamos um êxodo rural se iniciando (CARDOSO E MULLER, 1977), onde o homem do campo vê na capital melhorias para seu modo de vida com os estudos e, grande parte começam a ser mão-de-obra na *Zona Franca de Manaus*, ou adentravam ao serviço Militar. É nesse quadro que as décadas de 60 e 70 são lidas, as quais são a temporalidade de estudo deste trabalho.

Logo as questões históricas, culturais, sociais e econômicas que geram em torno do que acontecimentos no início do século XX na Amazônia até o início da segunda metade do século, nos ajuda a entender talvez o que era a música na região

de estudo desta pesquisa, a saber as comunidades da Costa da Terra Nova e Vila do careiro, ambas localizadas dentro do Município do Careiro do Várzea, no estado do Amazonas.

1.2 - HISTÓRIA DO CAREIRO DA VÁRZEA

Narrando brevemente a história deste Município, que por lei é um dos mais novos no Estado do Amazonas, em que foi fomentado a expansão e desenvolvimento da Amazônia, além dos fatos históricos do período que possibilitou o povoamento do Município Careiro da Várzea. Na figura abaixo, um dos raros registros do início da vila do Careiro, no município.

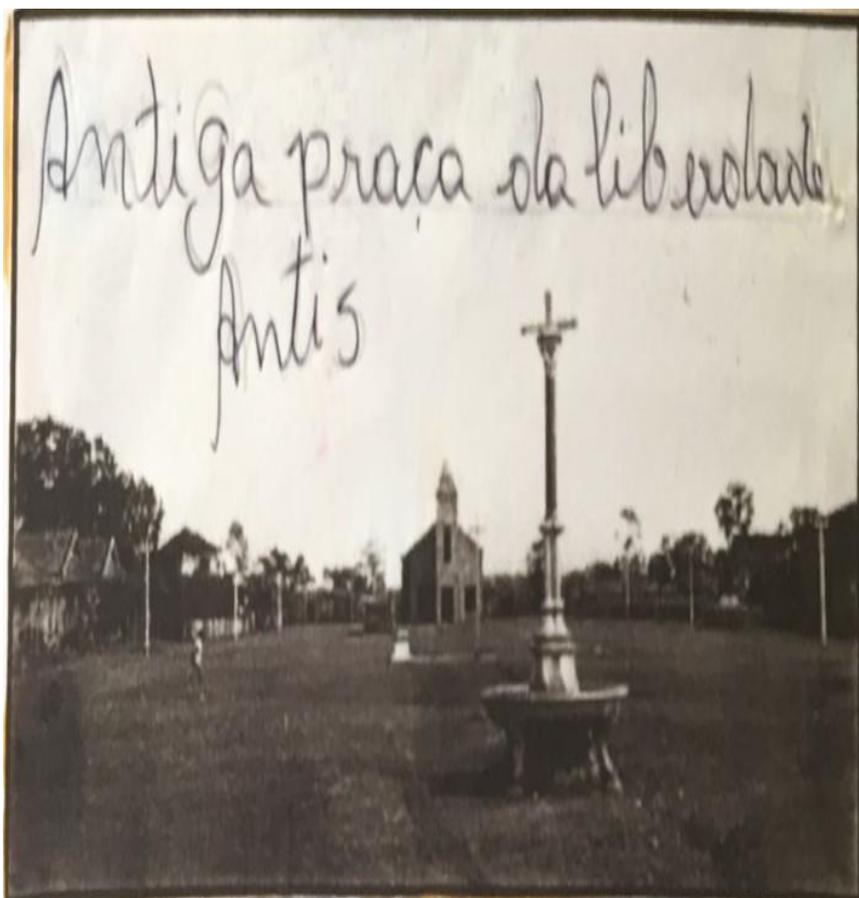


Figura 1 – Praça da liberdade, está localizada na entrada da cidade. Imagem cedida pelo morador Antônio Vieira, janeiro de 2016.



Figura 2 – Moradores na praça da liberdade, Vila do Careiro, início do século XX, imagem cedida pelo morador Antônio Vieira, janeiro de 2016.

No primeiro momento foi contextualizado um pouco sobre o panorama do país. Antes de falar sobre a história do Careiro que está comumente ligada ao Panorama breve feito sobre o Brasil, mas relevantemente sobre a ocupação da Amazônia no final século XIX e início do século XX, assim, discorrendo um apanhado histórico e cronológico do que seria o Município do Careiro da Várzea. Apesar de ser relativamente novo, sua fundação data de mais de 100 anos, no lugar da vila do

Careiro, comunidade esta que hoje é a sede do município em questão. Não se pode falar desta ilha sem mencionar o povoamento que se deu em grande parte por esforço do governo no final do século XIX, como também pelo contingente de nordestinos que desembarcaram por essas terras. Como mencionado a cima a seca prolonga no Nordeste entre os anos 1877 a 1880, levou grande partes desses retirantes a se deslocarem para Amazônia a fim de trabalhar na borracha e povoar essas novas terras.

No Amazonas, o contingente que desembarcou parte foi enviado para o interior do estado. Não obstante, a essa região vem sendo habitada há mais de 100 anos, segundo (BEZERRA, 2016), a saber a ilha do Careiro. Está ilha, que em 1938 pertencia a Manaus segundo (FRAXE, 2004) e (BEZERRA, 2016), passados quase 20 anos, até que “em 19 de dezembro de 1955, criação o Município do Careiro, por meio da lei nº. 99” (CARDOSO, 1970, p. 119), sendo desmembrado do Distrito de Manaus, em 30 de dezembro de 1987, é criado o Município de Careiro da Várzea. (BEZERRA, 2016, p. 135).

Se tratando de fundação muitos dos nordestinos chegaram ao Município através dos navios a Vapor da época. Esses mesmos nordestinos, grande parte cearenses “iriam compor a colônia 13 de maio no Cambixe e Santa Maria no Janauacá foram transportados do Ceará para Manaus pelo Vapor Pirarama” (BEZERRA, 2016 p.60).

Esses imigrantes receberam lotes de terra e auxílio do governo durante os seis primeiros meses, para desenvolver a região (CARDOSO, 1970), que portanto “deveriam dedicar-se à agricultura, promover o desenvolvimento econômico do lugar” (BEZERRA, 2016, p. 63), logo eles(imigrantes) foram explorando a terra e segundo Bezerra (2016, p. 66), dispersaram-se Cambixe abaixo, “em busca de novas terras no Careiro, nos seus paranás, lagos e furos, Curari e Terra Nova”.

O objeto de estudo desta pesquisa está relacionado a prática musical na Música do Beiradão nas localidades Costa da terra nova e Vila do Careiro, que teve seu início na mesma época, visto que muitos desses nordestinos saíram em direção a desbravaram está ilha a fim de formar campo para agricultura, criação de pasto para o gado, e muito seguro que consigo carregaram suas raízes da própria cultura nordestina.

A Costa da Terra nova está localizada na porção ocidental da ilha do careiro, a noroeste do município, de frente para o Rio Amazonas. (FRAXE, 2004, p. 57).



Figura 3 – imagem do Google Maps indicando a localidade de Costa da Terra Nova no município do Careiro da Várzea. 03.06. 2018.

A Vila do Careiro está localizada as margens do *paraná do careiro*, do outro lado da ilha.

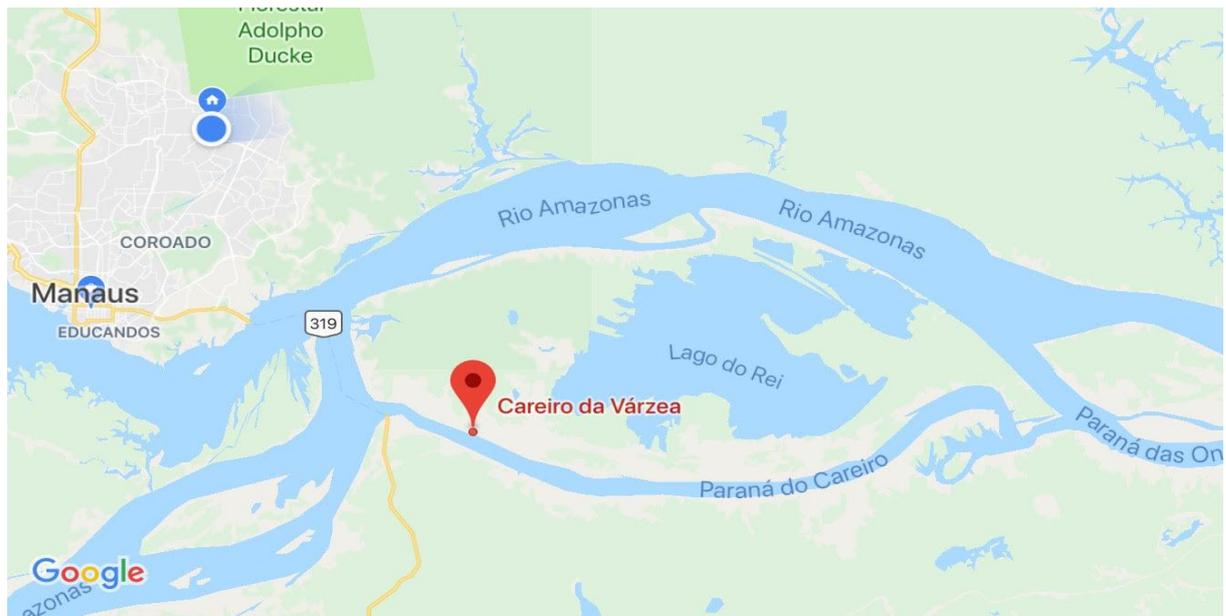


Figura 4 – Imagem do Google Maps indicando a Vila do Careiro da Várzea em relação a Manaus. 03.06, 2018.

A história desses locais é comumente perpassada pela vida social e cultural, visto que estão na mesma ilha, também foram ambas colonizadas por nordestino, como já citado de grande parte cearenses, mas também paraibanos, maranhenses e pernambucanos que no período da borracha, não somente vieram para trabalhar na borracha, mas também para trabalhar na “agricultura, que é a principal atividade econômica do município.” (CARDOSO, 1970, p.118)

Uma boa porcentagem no início da década de 60, migraram para Manaus por vários fatores que permeia o êxodo rural nessa região, evidenciando que é:

Importante observar-se que o crescimento da população rural já não é se mostra muito elevado nos anos 50, o que indica certa emigração para as cidades da região ou mesmo para fora da região; crescimento diminui ainda mais nos anos 60, já que o êxodo rural se intensifica. (CARDOSO e MULLER, 1977, p. 60).

Como podemos ver já nesta década o crescimento diminui, assim como também narra um dos colaboradores da pesquisa para estudo Sr. Valeriano Sotero⁷ (74 anos), e também (CARDOSO e MULLER, 1977) pois de fato neste período só existiam as escolas de ensino fundamental, a necessidade de prosseguir com os estudos, atrelado a situação da falta trabalho no campo, as enchentes constantes que destruíam as plantações por ser área de várzea e, na época com o advento da Zona franca somado a esses fatores a capital amazonense oferecia naqueles tempos, os recursos que homem careirense buscava, melhoria de vida, estudo e trabalho.

Elucidando-se ao fazer esse tipo de pesquisa nos deparamos com a identidade de um povo, que mesmo vindo de outras terras, tenta formar seu legado sem perder sua identidade, ressaltando que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que precisamos compreendê-las como produzidas em locais específicos, no interior de formações e práticas discursivas peculiares, por estratégias e iniciativas particulares. (FRAXE, 2004, p. 53).

⁷ Entrevista realizada no dia 16.05.2018 com o Sr. Valeriano Sotero da Silva. Colaborador da pesquisa e professor aposentado da Secretária de Estado de Educação e qualidade de Ensino (SEDUC), nascido no município Careiro da Várzea.

A identidade carregada por esses imigrantes que nas terras do Careiro fincaram suas vidas, nos elucidou sua trajetória cultural, social e forma de vida. Verificou-se que:

Parece ser possível, discutir, agora acerca das relações história/identidade cultural na Amazônia. Partindo-se, precisamente, da premissa de que o historiador, ao trabalhar com a sociedade, não pode perder de vista as práticas e as representações culturais dos grupos humanos. (COELHO, 1994, p. 184).

Grande parte dessas famílias carregaram consigo uma bagagem da cultura nordestina, não só nas vestimentas, modo de vida, seu cotidiano, bem como na música, que nesse ponto onde queremos explanar a dimensão deste legado para a região em estudo, e de como influenciou sobremaneira a música nessa região. Visto que, vamos focar nos próximos capítulos, na prática musical dessa região mais especificamente à música do “Beiradão” nas “sedes”. Como era a música nas localidades? Havia ligação com os festejos de santos as festas nas sedes? Entretanto, vale ressaltar que geralmente as práticas artísticas musicais se davam também em vários *beiradões*⁸ afins na ilha do Careiro, não somente nas sedes. Essas perguntas e, outros fatores como a sociabilidade no aspecto da vida cultural de um povo era naquele tempo, décadas de 60 e 70, que iremos discorrer no capítulo três.

Não se pode esquecer que na época, os meios de comunicação como a rádio e a televisão ainda eram objetos de luxo nessa região, poucos tinham acesso. A fonte de sociabilidade e divertimento da comunidade estava ligada aos festejos de santos, ou festas particulares de moradores, ou casamentos nas “sedes”. Sendo assim, não haverá divisão no texto das localidades de Vila do careiro e Costa de Terra nova, pois ambas têm a mesma temporalidade e objeto de estudo, e suas histórias de povoamento são formatadas no mesmo espaço temporal, uma vez que a ilha do Careiro da Várzea foi naquela época século XIX e XX abertura de campo para povoamento da Amazônia, por incentivo do governo da época.

⁸ Beiradões no plural, palavra advinda do termo beiradão. Maia (1958)

2. NARRANDO AS PRÁTICAS MUSICAIS DAS SEDES

Neste capítulo trago a narrativa dos colaboradores dialogando sobre o objeto de estudo que é a música nestas localidades, do fator sociabilidade naquela época.

Os locais onde ocorriam as músicas eram substanciais nessas localidades, pois demonstra que a comunidade tinha lugares para construir sua vida social. Mesmo o município do Careiro da Várzea sendo próximo a Manaus, naquele período só existia rádio e televisão nas casas de famílias que dispunha de um melhor poder aquisitivo.

As sedes se situavam nos *beiradões* ao longo do Paraná do Careiro e Costa da Terra Nova e, foram construídas com a finalidade de pagar promessas feitas a santos e para as comunidades socializarem fazendo festas particulares, bailes dançantes, casamentos, festas para comunidade, carnaval, ou para o termino dos torneios de futebol, assim os músicos eram contratados com suas orquestras para animar as festas, bailes ou festejos de santo da localidades, e geralmente eram pagos pelo contratantes que promoviam as festas, segundo Sr. Valeriano Sotero (74 anos). Lugar esse que ainda hoje está na memória dos colaboradores que ajudaram a construir as narrativas desta pesquisa, pois vivenciaram este processo. A memória como fonte fidedigna e determinante para as narrativas aportando como ‘fenômeno de construção’ conforme Michel Pollak (1992) em que orienta a memória como fenômeno de construção coletiva. Essas sedes foram locais de sociabilidade, de autenticas manifestações sociocultural popular no interior do estado, em que nas localidades em questão, com espaço voltado para a comunidade, fosse particular ou não se realizavam as festas, naquele tempo segundo Sra. Mariane Brandão⁹ (56 anos), uma das colaboradoras da pesquisa, relatou que era “*chamado de baile as festas daquele tempo.*”

Para chegar até as localidades e, conhecer a realidade das sedes, foi necessário pegar embarcações fluviais como as lanchas¹⁰ tanto no porto da Ceasa para a Vila do Careiro, como para a Costa da Terra Nova, na escadaria do Mercado Adolpho Lisboa, na cidade de Manaus, Amazonas. Foram várias viagens para estas as localidades.

⁹ Gestora atual da Escola Estadual Coronel Fiúza, no município do Careiro da Várzea, Amazonas.

¹⁰ Lancha: pequena embarcação com capacidade para 18 pessoas, que faz as travessias ao longo dos rios no Amazonas.

2.1 SEDE CAREIRO ESPORTE – VILA DO CAREIRO

A sede mais antiga do município data da década de 1940, sede por nome de Careiro esporte, nasce na boca¹¹ do Careiro, segundo relata o Sr. Valeriano (que se intitula sócio proprietário). No ano de 1958, renasce a Sede na Vila do Careiro, de frente para a praça principal da cidade, praça da Liberdade. Segundo ele, foi criado para realizar os eventos da comunidade. Verificou-se que:

O careiro esporte (sede) não nasceu ali, ele nasceu na boca do careiro, lá onde nós nascemos, depois que foi para Vila do Careiro, mais precisamente com a prefeitura do Almir Diniz de Carvalho. [...] em 58 ele nasceu, não ele renasceu na Vila do Careiro, mas ele nasceu nos anos 40 na boca do Careiro. *(trecho da entrevista concedida por Valeriano Sotero, entrevista realizada no dia 16.05.2018).*

Na época foi construída de madeira e perdurou neste tipo de construção por vários anos até meados da década de 1960, logo após foi reconstruída de alvenaria. Sede está de porte grande, com um salão amplo e um pequeno palco, em que era e é realizado as festas das comunidades, casamentos, festas particulares, confraternização logo após os torneios de futebol, até mesmo logo após os festejos dos santos, com as festas profanas¹². As festas da comunidade foram e, é até os dias de hoje se realizam nesse espaço. Por muitos anos a construção foi de madeira, nos anos 2000 passou por reformar, sendo demolido e construído de alvenaria. Relata Maria Jose¹³, que as festas eram longas, e toda a comunidade queria fazer parte. A sede tem um livro de registro que me relatou Mariane Brandão (atualmente presidente da sede Careiro Esporte) está perdido, e nele contém as datas e algumas das poucas imagens de eventos na sede, nas décadas passadas.

¹¹ Boca: é uma expressão usada por ribeirinhos direcionar a entrada de acesso as comunidades, para situar, no sentido de orientar.

¹² Festas profanas: que esta fora dos preceitos do contexto das festas católicas. Que foge do âmbito religioso.

¹³ Nascida no Acre, veio morar em Manaus na década de 50, para ser professora Rural pela SEDUC. Moradora da vila do Careiro. foi gestora do Escola Estadual Coronel Fiuza (localizado na vila do careiro) nos anos de 1962-1989, conforme Bezerra (2016, p.117)



Figura 5 – Sede Careiro Esporte, Vila do Careiro, Município Careiro da Várzea, registro feito em 11.05.2018, acervo pessoal.

Nas “festas dançantes” (BEZERRA, 2016, p. 273) como era chamado pela comunidade, por lá passaram músicos locais com suas orquestras que entravam noite adentro até o raiar do dia tocando. O local sempre foi visto como centro de socialização comunitária.

A banda de música, no Careiro denominada orquestra, àquela época, era um conjunto de instrumentos de sopro, o saxofone, e o trombone, raramente trompete, a bateria, o banjo, o pandeiro. Não havia cantor. [...] A festa começava geralmente às 20h e se estendia até às 6h da manhã. (BEZERRA, 2016, p. 273).

A sede do Careiro Esporte existe até hoje, mas com outros contextos musicais. Grandes nomes da música amazonense estiveram tocando nas décadas de 60 e 70, no auge dos bailes dançantes como Teixeira de Manaus¹⁴ e Chico Cajú¹⁵,

¹⁴ Músico nascido no Iranduba, que teve uma carreira de sucesso nas décadas de 80 e 90.

¹⁵ Músico nascido no município do Manaquiri, toca saxofone. Teve carreira exitosa nas décadas de 80 e 90, ainda toca nos dias atuais.

que sempre lotavam as festas. Os mais requisitados eram os músicos locais como Paulo Moises, Toinho Meruoca, Nonato Guerreiro, Eupréprio Pacheco, Mestre Puíta e Aurélio do Sax, músicos estes que será apresentado no texto do 4 capítulo deste trabalho.

2.2 SEDE DO MÁNACA

A “sede” do Mánaca como era conhecido, foi construída no final da década de 60, no ano de 1969, no primeiro Mandato do Prefeito Manuel Sales Santos, nascido no Manaquiri. A sede era localizada na boca do careiro¹⁶, na margem esquerda do Paraná do careiro. A sede teve tal nome através da junção dos nomes Manaquiri e Careiro, sendo chamado de “sede do Mánaca”, segundo o colaborador Valeriano Sotero (74 anos) e a Maria Jose (81 anos). Nas narrativas de Valeriano o intuito era de tirar a visibilidade da Sede do Careiro Esporte. Conforme ele:

Deixa eu te falar, o que que é Mánaca? De Mánaca, de Mana, eu vou separar mais Ca, significa Manaquiri junto a Ca, Careiro. Vou te explicar. [...] O prefeito Manuel Sales do Santos, que não era filho do Careiro, era filho do Manaquiri, como ele, e naquele tempo como te falei o Manaquiri ainda não existia, e ele foi eleito com maior número de votos. [...] então o Mána mais ca ele fez uma junção de Manaquiri Careiro e instiguiu um pouco como prefeito – que ele não deveria ter feito isso – instiguiu um pouco careiro esporte... nessa época eu já era estudante em Manaus. Tá...Quando ele terminou o mandato, foi desfeito a sede do Mánaca. (trecho da entrevista concedida por Valeriano Sotero, entrevista realizada no dia 16.05.2018).

No entanto o terreno em que foi construído a sede eram “terras devolutas¹⁷”, segundo nos conta Maria José (81 anos). Na época, segundo consta na narrativa da entrevistada o “prefeito e o irmão construíram essa sede e que era grande” e foi construiu para eventos particulares de família e amigos, mas toda a comunidade ia quando havia festas. A “sede” foi construída na “boca do cambixe”¹⁸, - como os

¹⁶ Expressão nativas usada para um local de entrada no Paraná do Careiro, no rio Solimões.

¹⁷ Terras devolutas: são terras públicas sem destinação do poder público.

¹⁸ A expressão usada Boca do Cambixe, é uma forma utilizada por Dona Maria José para orientar um lugar. Os moradores do município usam essa expressão em seu cotidiano. São as entradas de pequenos lagos, ao redor do Paraná.

moradores costumam chamar – construção típica do interior feita de madeira, com aspecto de grande casa, mas sem divisões por dentro, com janelões e porta ampla, em formato de grande salão, era uma sede social grande para a comunidade realizar seus eventos seja festa particular, festejos, ou baile dançante ao som dos músicos que eram locais ou vindos de Manaus.



Figura 6 - Sede Mánaca construído a margem esquerda do Paraná do Careiro em relação a Manaus. Imagem cedida pelo morador Antonio Vieira, janeiro de 2016

Nesta sede havia muitas festas particulares e outras abertas para comunidade em geral, depois dos festejos a eventos de futebol. As festas normalmente começavam às 20h e iam até a meia noite, com uma pequena pausa até as 1h da manhã para os músicos jantarem, logo após retornavam até o raiar do dia, por volta das 6h da manhã. Segundo Maria Jose (81 anos) “*as festas lotavam e eram festas familiares, não tinha onde sentar, eu fui muito nas festas*”, como ela narra eram horas a fio de festa em que se tocava baião, bolero, forró, maxixe, samba valsa, samba, xote. As “orquestras” como chamada naquele tempo tinha formação com saxofone, trombone, banjo, bateria, as vezes um violão, ou um pandeiro. Na fala dos colaboradores relatam que as vezes um saxofone fazia a festa a noite inteira, e o povo não arredava o pé até amanhecer. Não havia palco, eles improvisavam mesmo tocando noite adentro em pé. Na época os músicos da terra animavam as festas, ou outros vindo da capital era sucesso garantido. Outro morador o Sr. Valdemir que me relatou sobre as festas, segundo ele:

Eu ia apreciar as festas [...] naquele tempo não tinha som era na bateria, no saxofone. Não esse negócio de banda que existe hoje, tinha festa no beiradão a gente ia apreciar, tomar uma cervejinha. (trecho da entrevista concedida Valdemir Farias, entrevista concedida em 11.05.2018).

A sede não durou mais de seis anos, já no segundo mandato do prefeito ela foi demolida, nos primeiros anos da década de 1970. De fato, está sede foi criada com intuito de eventos festivos, toda a comunidade participava relata os colaboradores Valeriano Sotero (74 anos) e Maria José (81 anos), mas não resistiu muito tempo.

No final do segundo mandato do Prefeito que ergueu a sede, ela foi destruída e construído casas no local, depois o terreno foi vendido e atualmente é uma igreja evangélica assembleia de Deus, está ao lado da prefeitura do município.

2.3 SEDE AMAZONAS E SEDE SÃO FRANCISCO

Ambas as sedes estão localizadas na Costa de Terra Nova do outro lado do Careiro da Várzea, está localizada a margem direita do Rio Amazonas, de frente para o bairro do Puraquequara em Manaus. Para chegar até o local, é preciso se dirigir até escadaria da Manaus moderna, na região portuária de Manaus, em que se embarca em lanchas, o trajeto dura por volta 50 minutos até a localidade.

A sede Amazonas, teve por proprietário o Sr. José Joaquim de Mendonça(falecido), durou poucos anos na década de 50, relatou o filho Sr. Moacir Mendonça da Silva¹⁹(63 anos) que por volta de 1957, 1958 a sede foi desfeita, por seu pai por haver constituído família desistiu de manter a sede, e com a chegada dos filhos decidiu não promover mais as festas.

Durante o período que foi mantida a sede Amazonas vários músicos passaram por ali tocando. Nos tempos áureos da Sede Amazonas contam Sra. Joana Macedo Mendonça²⁰(86 anos) conta que “não existia violência e as pessoas bebiam sua cerveja tranquilamente”, igualmente nas outras localidades começava por volta das 20h e iam até outro dia, ao som do conjunto ou orquestra de Jose Apolinário Brandão,

¹⁹ Proprietário da sede São Francisco na Costa de Terra Nova.

²⁰ Nascida na Costa da Terra Nova, migrou para Manaus no final dos anos 50.

conhecido como Mestre Puíta, ou a orquestra do músico Paulo Moises, muitas vezes convidado para tocar na sede, como também o saxofone incansável de Aurélio do Sax. Tanto Puíta e Aurélio do Sax, ambos são da localidade de Terra Nova, músicos que irei discorrer sobre suas trajetórias no próximo capítulo.

Entre anos 60 e 70, com a sede Amazonas desativada as festas eram realizadas nos eventos do torneio de futebol ou durante os festejos de santos, logo após a missa, por voltas das 20h começava no terreno da igreja católica São Francisco. Durante esse tempo as festas, ou bailes sucediam nesses locais. Passados esses anos, pelos esforços do Sr. Moacir (63 anos) e seu primo Valter José Mota(falecido), conhecido como Caetano, no final dos anos 80 construíram a sede São Francisco para os festejos do santo, a fim de cumprir uma promessa ao santo. As festas eram sediadas para arrecadar dinheiro aos festejos do santo São Francisco, segundo relatou Sr. Moacir. Típica construção dos beiradões, e parecida ao formato da sede do Mánaca. Em meados de 2016, foi visitado a localidade para conhecer através do PAIC, onde se deu os primeiros relatos desta pesquisa.



Figura 7 - Sede São Francisco na Costa da Terra Nova registro da sede em visita a comunidade. Acervo pessoal, abril 2016.

A sede teve seu apogeu nos anos 80 e 90, na qual vários músicos do Município e, outros vindos de Manaus, tocavam quase todos os finais de semana em festas para a comunidade. Na época da inauguração o músico Apolinário José Brandão (falecido), o Puíta tocou com seu conjunto. Logo depois, segundo o Sr. Moacir “passei a utilizar aparelhagem de som trazida de Belém, levava no sacrifício, mas fazia a festa, e tudo que era arrecadado deixava pra igreja”, relatos de sua entrevista (maio, 2018).

Descrito anteriormente esta sede tinha as mesmas funções tanto de caráter religiosos ou festas socioculturais, e toda a comunidade participava dos eventos, em geral:

Antes a sede funcionavam quase todo domingo, em festa de família, ou com os festejos depois missa, hoje só quando tem evento importante, ali acontecia quase tudo sabe, era lugar de diversão... Tinha momentos que era as festas depois das missas ou festejo de algum santo, ou tinha festa mesmo que tem os comunitários que são esses que te falei ele fazia frequentemente festas, são os donos, festas particulares [...] Nas festas tinha reco-reco, saxofone, cavaquinho, tambores compridos, era até meu tio que tocava cavaquinho”. *(trecho da entrevista concedida pela Prof.^a Nancy²¹ Socorro Miranda Cunha em 07.04.2016).*

A sede durou por volta de quase vinte e seis anos. Existe até hoje a sede, sendo desativada há alguns anos, somente utilizada raramente para eventos importantes da comunidade.

O cotidiano da comunidade foi sofrendo mudanças, na década de 80 o rádio era acessível ao homem do interior. Por questões de estudo e trabalho migravam para a capital, e fluxo foi diminuindo na localidade. Ao longo das últimas décadas devido as mudanças no contexto social da comunidade, as festas passaram acontecer somente durante o dia do santo, São Francisco, até a desativação da sede.

A música nessas localidades era algo significativo naquele tempo em que a vida social da comunidade se resumia as festas, bailes, festejos de Santos ou torneios de futebol. Nas décadas de estudo, os adventos anunciados na mídia, tanto na televisão e na rádio aos poucos iam se incorporando ao cotidiano do ribeirinho, mas o meio de importante sociabilidade durante muitos anos foram as festas nas sedes.

²¹Professora da rede municipal Escola Municipal Professora Francisca Góes do Santos, na Costa da Terra Nova.

Os estilos tocados pelos músicos eram os mesmos na época: marchinhas de carnaval, bolero, forró, maxixe, samba e xote. As narrativas relatam que quando havia festejo de santo, ou festa na sede, em Manaus era anunciado nas rádios, e no careiro se espalhava de boca em boca. Várias embarcações vindas da capital chegavam lotados na localidade para participar das festas, muitos eram nascidos na comunidade, neste período havia migrado para Manaus. A sede está intacta com o mesmo modelo e formato de sua construção, estando desativada nos dias atuais.

3. A MÚSICA DO BEIRADÃO EIS A QUESTÃO?

A música dos *beiradões*, simboliza um tempo na memória de quem o vivenciou como também, na história da música no Amazonas, que perpassa até os nossos dias no interior do estado. Analisando a proposta de discorrer sobre a música do Beiradão, trazendo para problematização do contexto histórico cultural, em que nas décadas de 60 e 70, o Amazonas, e a Amazônia passaram por grandes mudanças de desenvolvimento, visto que, o homem do campo migra para a capital, assim como o músico que nasceu nos beiradões estando inserido dentro dessa população migratória.

Nessas localidades em estudo fatores levaram a emigrar para capital amazonense, como: a zona franca sendo criada, a vida militar em alta, o fenômeno das cheias e terras caídas por ser área de várzea que acabavam com as plantações, os poucos recursos, e melhoria nos estudos. Sabendo que a música está inserida no fenômeno temporal da história, e sobre essas narrativas que estão em torno da perspectiva e prática da história oral, sendo refletidas a partir desta visão:

A história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica meio de expressão [...] Por outro lado, historiadores que trabalham com história oral estão cada vez mais cientes de que ela é um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores – por nossa presença no campo e por nossa apresentação material. (PORTELLI, 2001, p.10).

Conforme este viés, e nas idas a campo primeiro na pesquisa do PAIC, em 2015, 2016 e no primeiro semestre de 2018, quando retorno do campo para finalizar as pesquisas, nesse momento para o trabalho, o qual me possibilitou o material de estudo, no primeiro momento estava em busca de outro objeto de pesquisa, e nos deparamos com a música do “Beiradão”. Vivenciando algo com que tinha um pouco de conhecimento. Assim, irei usar o formato ao qual me parece mais didático e de fácil entendimento citado na dissertação da tese²² de mestrado de Rafael Norberto (2016, p. 11), para exemplificar o termo beiradão, em que Norberto utiliza *beiradão* com (letra

²² Tese por título: ESPAÇOS, TRANSITOS E SOCIABILIDADES EM PERFORMANCE NA “MÚSICA DO BEIRADÃO”: ETNOGRAFIA ENTRE MUSICOS AMAZONENSES. (NOBERTO, 2016)

minúscula) no sentido de localidade, barrancos em beira dos rios e Parará, e *Beiradão* com (letra maiúscula) para ser compreendido como gênero musical”. Essa expressão é usada para margens de rios de águas brancas, na altura do Rio Solimões e seus afluentes. É nesse ponto de encontro há questões divergentes na utilização do termo beiradão, termo este que surge no contexto do escritor Álvaro Maia²³ (1958), em que utiliza palavra beiradão remetendo a uma localização na Amazônia, e que também é utilizado pelos nativos, alguns entrevistados como Sr. Valdemir (73 anos) e Sr. Valeriano (74 anos), sendo sempre no sentido de localidade. Falar da música do “Beiradão” como gênero é impossível sem se ater as questões históricas.

Na época das décadas em estudo, o termo era usado na forma de localização, entretanto não para designar a música e os estilos que eram praticados nas sedes para as festas da comunidade. Nota-se, que nos relatos dos colaboradores que os estilos que existem na música não eram reconhecidos pelo termo Beiradão, nem como categoria e nem como gênero, mas no sentido de localizar as pessoas que iriam as festas ou festejos de santos em sedes nos *beiradões* nos interiores, e no Careiro da Várzea, que não está fora deste contexto. Considerando pelas leituras que o termo surge de uma visão do meio urbano para o meio rural, em que a utilização da expressão era comum naqueles tempos, como forma de identificar essa música.

A um viés também utilizado para identificar esta música como categoria que abarcar os estilos que tocavam nessas sedes dos beiradões amazônicos, na região do Careiro da Várzea. Não só como música, como origem, mas também uma categoria com diversos estilos musicais. Ao identificar a música daquele beiradão, se resumia as práticas musicais de estilos que eram tocando nesses lugares. Segundo Norberto (2015, p. 89), ele demonstra que há “diferentes significados dependendo do contexto sociocultural e geracional em que são empregadas e experienciadas” vividas nesses tempos. Os contextos geracionais realmente fazem diferença no emprego desses termos sobre a música. Visto que, o olhar do homem nas décadas em estudo é diferente das realidades do homem nos dias atuais, que vê esta música a identidade de uma época no Amazonas. Não obstante, é importante dizer que:

Questões teóricas-conceituais como origem, localismo, identidades regionais, autenticidade, imperialismo culturais, indústria musical (ou mercados musicais) e globalização perpassam as discussões nativas

²³ Álvaro Maia: foi escritor, jornalista e político amazonense.

em torno da “música do Beiradão”. (NOBERTO, 2015, p. 88).

De fato, nos últimos anos o movimento do beiradão a partir de 2010 começou a ser lembrado pelos músicos na capital, em que grande parte realmente não viveu nos beiradões e tão pouco passou pela época dessas músicas de Teixeira de Manaus, de Chico Cajú ou Paulo Moises e tantos outros. Realmente essa música tem origem nas práticas da música nordestina, que foi sendo tocada por esta região. O contingente massivo de nordestinos, trouxeram não só a esperança de dias melhores, ou de crescimento econômica, mas também sua manifestação cultural. Assim sendo difundido por músicos dos beiradões, visto que estes também fazem parte desta descendência.

Se pensamos na questão da origem, essa música já existe muito antes de chegar por esses lados, o localismo está exatamente onde homem fincou sua vida, portanto o conceito também abrange forma de localidade. É relevante dizer que a música não é estática, até mesmo os conceitos ainda que pré-definidos passam assim por modificar-se com os contextos culturais no passar dos tempos.

Os relatos dos colaboradores em minhas pesquisas de campo, dois deles expressavam a “música do Beiradão”, como a música que acontecia naquela sede, que os estilos nordestinos, assim como samba, a valsa, ou o bolero, que era visto por quem frequentava as festas como modo de vida, esses eram os estilos utilizados pelos músicos em seus repertórios, que faziam parte de socialização dessas festas no contexto rural.

Mesmo conhecendo um pouco o universo através do olhar musical, muitos na capital veem essa música da maneira exposta por Norberto (2015, p. 90) “em Manaus, reduzem o Beiradão a gênero musical da beirada dos Rios”. De fato, muitos olham por esse viés, mas não cremos que seja no sentido de diminuir o valor desta música que é tão rica e cheia de significados para quem a produz e compõe, com o propósito de identificar de onde veem essa música, que não perde o seu valor por ser da beirada dos rios, e sim é rica pela manifestação cultural de um povo, sua forma de tocar, seus sotaques interpretativos empregado nos estilos, que com toda certeza tinha sua peculiaridade.

Os estilos inseridos nos repertórios faziam parte da música naquela época do forró ao frevo, ao samba, as marchinhas, a valsa, o bolero, o xote, o baião, tanto ritmos nordestinos, como descreve Norberto (2015, p. 91) que “eram essas mesmas

músicas, mas com “sotaques amazonenses”²⁴.

Essa música tem vida própria, e sua forma de tocar, forma de interpretar dos músicos, algumas músicas conhecidas nos repertórios tinham pequenas frases incorporado nos tempos de Teixeira de Manaus para demanda do mercado musical entre 70 e 80, frases curtas que caracterizam a maneira de execução do músico, assim por outros como Chico caju, Aurélio do Sax(Costa da Terra Nova), músicos mais antigos como Paulo Moises (falecido), Mestre Puíta(falecido) e Nonato Guerreiro(78 anos), que segundo ele era somente música instrumental em seu tempo, “*eram músicas de andamento ligeiro, e muito animadas, que em muitas festa só com um saxofone fazia a festa noite adentro*”. Por ter uma linguagem peculiar as práticas dessas músicas nas sedes não existiam cantor, só os instrumentos de sopro como saxofone, trombone, raramente clarineta, pandeiro, bateria, e banjo, faziam as festas.

Praticamente todos os músicos são autodidatas nesse tempo, ou aprendia com algum membro da família que já tocava instrumento, e aprendi as músicas de ouvido, tiradas pelas rádios. Os instrumentos como bateria e pandeiro eram construídos por eles mesmo, com peles de animais. Os colaboradores de Rafael Norberto em sua pesquisa ressaltam que:

Através do diálogo e da performance em questão algumas dessas especificidades sonoras (estéticas) ressaltadas através do domínio da oralidade musical, forma com que a maioria dos músicos dos “beiradões” aprenderam a tocar seus respectivos instrumentos e animarem as festividades nessas localidades. (NORBERTO, 2015, p. 92).

Norberto ainda discorre em seu texto sobre as visões atuais sobre a música que se fazia naquela época. Para os colaboradores da pesquisa de Norberto, os músicos de Manaus que não vivenciaram os “beiradões”, e assim sendo se apropriam de forma equivocada, sem conhecer a realidade dos beiradões e do que seria essa “música do Beiradão” no contexto deles.

Expondo aqui alguns trechos relevante para entendimento sobre as temáticas que gira em torno dessa música, contidos na tese de Norberto, é essencial retratar as visões de músicos daquele tempo e músicos da atualidade. Assim segue na visão de

²⁴ Sotaques amazonense: forma peculiar de tocar com características próprias variados estilos musicais do Beiradão.

músicos antigos, que vivenciaram os *beiradões*:

Música do Beiradão é essa música que a gente aprende sem ninguém ensinar, sabe, a gente não estudou a música, e a gente aprendeu pelo dom que eu acho que deus que deu para gente. Então, a gente chama de música do Beiradão. Não é música profissional. (Diálogo com João Simões, freguesia do Andirá, Distrito de Barreirinha- AM, 17.02.2015, apud Norberto, 2015, p.96)

E na fala de outro músico antigo nascido nos beiradões, que foi colaborador das pesquisas de Norberto, conforme ele:

A música de Beiradão é a música que aconteceu desde a época da borracha, quando os nordestinos vieram pra cá. Não existia nessa época rádio, eles faziam suas próprias festas. [...] esse termo beiradão não existia. Eu passei a minha vida toda no Amazonas, nunca ouvi essa palavra chamada Beiradão. Como é que ela surgiu? Então, essa prática foi a minha vida lá, de zero a dezessete anos convivendo com isso. O termo música do Beiradão aconteceu exatamente assim: havia no rádio uma ligação direta com o interior. Na rádio Rio Mar tinha um programa chamado festas e Melodias, então quando alguém aniversariava eles mandavam pelo motor da linha um papel, e encomendavam para o motor que fazia a linha, pagavam para esse programa Destas e Melodias oferecer uma música para o fulano que está de aniversariando na boca não sei de onde. O programa festas e Melodias passava à tarde e antes desse programa passava um programa de aviso: “fulano que está, fulano tal, que não vai chegar, que a encomenda que ele mandou vai chegar dia tal pelo motor tal”. Assim, esse programa era direto, então, eles mandavam para o aviso, para anunciar as festas. Eles anunciavam também as festas que aconteciam na região no clube lá do Poranga: “queremos convidar a toda a comunidade do lugar tal, da Terra Nova, [...] que no dia tal vai estar se realizando no Poranga futebol Clube, lá no beiradão do Autaz miri” [...] O cara falava isso: “lá no beiradão do Autaz Miri”. Esse beiradão é um termo do radialista daqui de Manaus, urbano, que encontrou essa forma de falar dos beiradões do Amazonas, um termo coloquial. As rádios, eles pegam essas coisas bem populares e vão desenvolvendo bordões, e esse termo popularesco: “lá no beiradão”. [...] Então, o que era a música do Beiradão que eles chamavam, que passou a ser utilizada depois, era a música das pessoas que faziam música lá [no “beiradão”], mas essa música era a música popular brasileira, essas que

vinham através do rádio. (Dialogo com Eliberto Barroncas, Manaus, 04.08.2014, apud Norberto, 2015, p. 97- 98: grifo do autor).

Em realidade o termo beiradão, discordo das palavras do colaborador de Norberto (2016), pois nos tempos de Álvaro Maia (1958), como expus no capítulo acima desta pesquisa era utilizado o termo. Talvez na localidade que ele viveu não era mencionado. Três dos colaboradores entrevistados utilizaram este termo, por fazer parte de seu contexto nativo e ligado ao sentimento de pertença ao que vivenciaram nesses períodos. (POLLAK, 1992)

Reconheço que na fala de meus entrevistados a “música do Beiradão” não era conhecido com esse termo, para eles eram músicas de seresta, ou música de baile, ou simplesmente como festa.

Na capital é mais notório e nos dias de atuais, existe a necessidade de identidade, que vem atrás do viés de políticas culturais e do mercado musical, para haver uma identidade dentro do mercado fonográfico, quero salientar que não somente nesta perspectiva, como também da identidade cultural abordando as questões históricas existentes nessa música. Ressalto que:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz e referência de outros, em referência de critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros. Vale dizer que [...] identidade pode perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 204)

Observou-se que a identidade na música do Beiradão foram “construídas dentro e não fora do discurso que precisamos compreendê-las como produzidas em locais específicos, no interior da informação e das práticas discursivas peculiares” (FRAXE, 2004, p.53), tanto a trajetória dos músicos que fizeram parte, e fazem até hoje nas práticas das músicas do Beiradão, assim podendo utilizar o termo “música do Beiradão” em vários contextos, seja como identidade, seja como origem, seja como localidade, seja como categoria.

No tocante a identidade para os músicos da capital, mesmo sendo uma construção conflitante para nomear essa música, pois é algo que se pode ser construído, mesmo havendo em outros aspectos, mas se tratando de música, de

identificação e “identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992, p. 205)

Em concordância com o a tese de Norberto ressalta-se nos relatos dos músicos e entrevistados foram mencionados como festa dos beiradões, ou fazer música lá naquele beiradão distante da capital. Não discordando de sua ideia, que somente chamar música “de” ou “do” Beiradão, deixa-se passar vários significados que permeia essa música, como os contextos geracionais, e as manifestações populares. Entretanto essa música, como todas as outras que sofrem transformações ao longo do tempo devido aos fatores históricos.

Para os músicos de seu tempo vai muito além de prefixar o termo, é quase uma filosofia de vida, inserido no contexto da vida rural na época. Para os músicos que não viveram os beiradões, essa música de identidade própria que abarca vários estilos, mas tem a necessidade segundo o olhar deles para aderir o mercado necessita de um nome que há identifique. Acredito que o mais importante em todo o processo dinâmico desta música, e da forma como deve ser conhecida, é ela ter uma identificação plausível, que cumpra com as ideias e manifestos de quem a viveu.

4. TRAJETORIA DOS MUSICOS CAREIRENSES

Neste capítulo pretende-se sobre a vida desses músicos dos ‘beiradões’, visto que na sua maioria foram os grandes animadores de bailes e festejos nas localidades.

A memória é fator substancial neste capítulo assim podendo relatar a vivência de dois músicos, e de outros que fizeram parte deste tempo a partir dos olhares dos músicos que tive contato, e das biografias e livros de apoio sobre o município do Careiro da Várzea (BEZERRA, 2016). Todos eles são descendentes diretos dos imigrantes nordestino vindos no primeiro ciclo da borracha.

Suas trajetórias estão baseadas nos trânsitos entre Manaus e o Careiro. Mesmo com as sedes em alta, em que já tocavam nas festas, na década de 1960 migravam para Manaus em busca de trabalho, estudos e melhorias de vida para suas famílias. Alguns músicos relatados nesta pesquisa migraram para capital, por motivos de trabalho, ou sonho de aprender a tocar melhor o instrumento, pois eram autodidata. Alguns entraram para ao serviço militar, sem instrução teórico musical, e adquiriam conhecimento dentro do quartel nos ensaios da banda, além da vida na cidade o transito com o interior eram mantidos, visto que nas festas no município, eram requisitados para divertir as festividades e sempre estavam em contato com a terra que nasceram.

Na Costa de Terra Nova dois músicos se destacaram: Apolinário José Brandão(falecido), conhecido artisticamente como Puíta e Aurélio Ferreira de Moraes, de nome artístico Aurélio do Sax, saxofonista e primo do Mestre Puíta.

Apolinário José Brandão, o Puíta: Nascido na Costa da Terra Nova, em 23/07/1923, desde criança já tinha interesse em tocar, pois seu pai o Capitão Anísio Brandão, maranhense, era militar que chegou no final do século XIX. O pai que lhe incentivou a tocar instrumento de sopro, o filho de seu Puíta relatou em entrevista que:

Na verdade ele tocava um pouquinho de alguns instrumentos violão, mas era bem esporte, sanfona que ele aprendeu música acho que dom, porque ele nunca foi na escola [...] perfeito ele deve ter herdado do meu avô, ele não assíduo na música, ele sabia mas ele não tinha um instrumento específico, já o papai não ele(Puíta), se dedicou ao saxofone, e ai a vida ele foi tocar, ou seja aprendeu tanto que ele não tocava de ouvido como falamos, ele toca por partitura, ele escrevia as músicas as letras foi uma paixão dele desde jovem, desde garoto e nunca parou, fazia festas e mais festas. Ele tinha o pessoal

dele que fazia as festas [...] ele tinha uma orquestra o cara do banjo, neguinho da bateria, Marcos do banjo que eu falei, tinha todas as pessoas que ele tocava. *(trecho da entrevista concedida por Jose Apolinário da Silva Brandão²⁵ em 04.05.2018).*

Diferente dos outros músicos, Puíta possuiu um poder aquisitivo, foi juiz de paz e dono de embarcações, e se dedicou a música. Tocou em diversas localidades do Careiro da Várzea, sempre foi requisitado em virtude de ter sua própria orquestra. Algumas festas duravam dois a três dias no interior. Segundo o filho:

“ele foi juiz de paz nomeado pelo governo do estado naquela época, sai a publicação e era nomeado pelo governador do estado naquela época, [...] ele era aquele juiz de paz que fazia os casamento tudo, tinha cartório e tudo mais, lá Terra Nova“, ai quando terminava esses casamentos geralmente tinha as festas, e a festa era com ele também, tu casava e tu ia dançar que ele ia fazer a festa dele ele e banda dele. E ele era o cara, fazia a festa, o casamento e ainda transportava o pessoal que ele tinha uns barcos grande. Enfim foi um sucesso da vida dele tocando. *(trecho da entrevista concedida por José Apolinário da Silva Brandão em 04.05.2018).*

Sua vida musical foi entre anos 50, 60, 70 e até 80 nos beiradões, Paranás do Careiro e vários outros interiores. Teve um saxofone niquelado, como ele dizia ao filho. A vida de Puíta como músico foi de êxito, com muitos contratos para tocar e, em sua casa na Costa de Terra Nova ele dispunha de uma sala própria de estudo com instrumentos. Puíta como homem de posses tinha casa na Terra nova onde ficou até a infância dos filhos, e inclusive em Manaus, no Bairro de Educandos. Ele e a esposa Ivana Brandão(falecida) tiveram onze filhos, por conta da necessidade familiar e pensando no desenvolvimento sócio educativo dos filhos, decide fixar sua residência no bairro do Educandos - Manaus, em meados de 1972.

²⁵ Filho do Músico Apolinário José Brandão, o Puíta.



Figura 8 – Músico Puíta tocando em um baile em Manaus. Imagem cedida por José Apolinário, Setembro 2016.



Figura 9: Na imagem, Apolinário José Brandão, o Puíta, tocando em uma festa de aniversário. Imagem cedida por José Apolinário, filho do músico, em 30.05.2018

Em Manaus, tocou no Atlético Rio negro, nas bandas de carnaval como a banda da Bica, e o grupo embaixadores (BEZERRA, 2016, p. 277), no Sheik, no Olímpico Clube em muitas festas de carnaval. Puíta teve muitos êxitos, fazia o que amava tocar seu saxofone, mas não vivia da música, tocava por puro prazer, foi proprietário de embarcações e próspero nos negócios, afirma o filho José Apolinário (58 anos). Diferentes dos outros músicos possuía poder aquisitivo, e herdou do pai vários instrumentos musicais. Em meados 2001, por complicações de saúde veio a óbito.

Outro músico da Costa de Terra Nova, filho de nordestinos, o Sr. Aurélio Ferreira de Moraes, nascido 1939, por nome artístico Aurélio do Sax, primo do falecido músico Puíta, era saxofonista, com quem estive em setembro de 2016, nas pesquisas do Paic, retratou um pouco de sua história como músico. Aos doze anos aprendeu a tocar saxofone, autodidata, desde sua juventude dedicou-se ao entretenimento nas festividades pela Terra Nova, nas décadas de 1960, 1970, e 1980, ao redor do Careiro e outros interiores. Relatou que tocou em outros países como Peru, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Guiana Inglesa, e no Amazonas em quase todos os municípios. Gravou um LP²⁶ pela gravadora Continental de São Paulo, e outros quatro pela gravadora *GravaSom*²⁷ de Belém. Viveu realmente de música durante toda a sua carreira. Nas épocas em que tocou por Terra Nova sempre era acompanhado de seu conjunto com bateria, banjo, pandeiro e ele ao saxofone, tocando vários estilos forro, samba, lambada, xote, cumbia. Em entrevista com ele, no ano de 2016 discorreu:

Meu pai pescando, ele para lá e aqui fufufu até uma hora que ele chegava: quem mandou você mexer? Eu fui, eu comecei, mas aprendi apanhando, eu pegava na marra assim ele ouvia lá, ele ficava perto. [...] tinha doze anos, nessa época mesmo eu comecei fazia o povo dançar, na Terra Nova toquei em muitas festas [...] o Puíta era meu primo [...] Tinha era um conjunto armado, era bateria, baixo, bajo tudo, compravam os instrumentos aqui em Manaus, e contratava olha Aurélio tem uma festa pra tocar tal dia, ai o pau torava, tomava uma cervejinha[...] tocava lambada, forro, samba, bolero, cumbia, era uma mistura medonha. [...] O tempo que cheguei a gravar sofri, eu vivia na Rádio Rio Mar era quase todo dia, quem ajitou pra mim foi o Alan

²⁶ LP (disco de vinil) gravado na década de 80. Link de áudio faixa do Cd de Aurélio do Sax.

<https://www.youtube.com/watch?v=DeKAIAYuLdg>

²⁷ Gravasom: gravadora independente com sede em Belém, Para. Duração no mercado 1970 a 1993. Costa (2011)

Cardeque da Rio mar, ai eu já estava até perdendo a esperança quando ele ligou, que eu fosse pra eu viajar, olha você vem que vai viajar pra gravar seu disco. [...]toquei toda essa região amazônica, era a base da Lacapaca²⁸ era baixo, bateria, saxofone, trombone e pandeiro e essas coisa, e foi depois aparecendo essas aparelhagens e foi ficando mais sofisticadinho. (trecho de entrevista cedia por Aurélio Ferreira, setembro de 2016).

Aurélio teve uma trajetória musical vasta, gravando LP e tocando em muitas cidades, estados e Países. Há quatro anos integrou a religião adventista e deixou de tocar nos interiores, se dedicando a música na igreja.



Figura 10 – LP gravador por Aurélio do sax nos anos 80, acervo pessoal, setembro de 2016.

²⁸ Lacapaca: formação instrumental utilizada por músicos segundo Norberto (2016, p.91)

Na Vila do Careiro, outro músico entrevistado, neto de nordestinos Sr. Nonato Brandão Alves (77 anos), nascido em 23 de novembro de 1940, conhecido como Nonato Guerreiro, relatou que:

“toquei com todos esses músicos, chico caju, Agnaldo Amazonas, Teixeira de Manaus, Aurélio do Sax, Puíta, Sousa Caxias é do Autazes, toquei com todo esse pessoal, todo esse pessoal que são vivos, tudo vivo ainda, todos me conhecem toquei com todos eles, tocava carnaval, brincava muito. *(trecho da entrevista concedida por Nonato Brandão, em 21.05.2018).*

O primeiro contato com o instrumento de sopro foi por uma flautinha confeccionada por ele e, logo após teve acesso a um saxofone soprano, que lhe foi doado pelo músico Eupréprio Pacheco, conhecido como Jaú, o qual discorrei neste capítulo brevemente. Nonato é músico autodidata, com o saxofone passou a estudar e aprendeu a tocar o instrumento, através dos conhecimentos que ele tinha da flauta, por volta de 1959, até ir para o exército, em 1960. Sempre conjugou a vida de músico com o serviço militar, ainda solteiro. Durante o serviço no quartel desempenhou o papel de carpinteiro, pois entendia bem segundo ele, da arte de construir casas, mas achava que não sabia tocar, pois no interior só tocava em festas, contudo sem instrução teórico musical, teve medo de informar na época do alistamento ao Sargento que sabia tocar. Depois de um tempo conseguiu ser engajado no grupo base do quartel aprendendo teoria musical, e logo depois entrou para banda de música do exército, prestando serviço até meados de 1961. O tempo que passou servindo ao exército, prestava serviço fora como carpinteiro. Em algumas das história que viveu, narrou que prestava serviço como carpinteiro na casa do Capitão Gadelha, e que através da esposa do Capitão, Dona Zaira, que sempre conversava com ela, contou-lhe que era músico e, que deseja comprar um saxofone novo, mas que não possuía posses suficientes na época para compra, então ela aportou com parte do dinheiro para o músico comprar um saxofone, depois de alguns anos o vendeu. Ao longo de sua carreira possuiu seis saxofones, e havia época que todo ano trocava de instrumento. Vivenciou muitos trânsitos entre Manaus e os beiradões do Careiro tocando, até em outros interiores.

O tempo que passou no exército em Manaus, viveu no quartel. Logo depois de

sua saída no final de 1961, voltou para o Careiro da Várzea, residindo no município até meados de 1967, quando casou e por motivo de crescimento econômico para família, migrou para Manaus novamente.

Em seus diálogos relatou que tocou nos *beiradões*, até a década de 90. Vivenciou muitos trânsitos entre Manaus e os beiradões do Careiro, e em outros interiores.

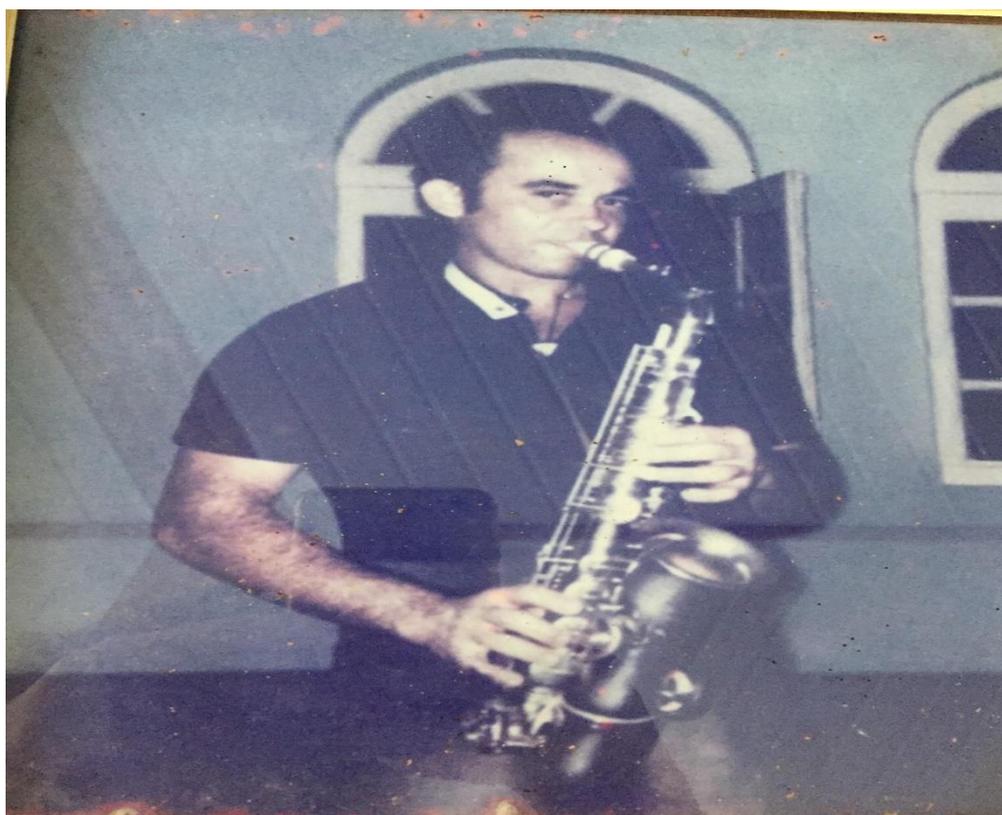


Figura 11 – Na imagem o músico Nonato Guerreiro se preparando para tocando em um baile. acervo pessoal, maio de 2018.

No período de atividade como músico nas décadas de 60, 70 e 80, informou em entrevista quais os estilos que eram tocados pelo beiradões. Relatou ele que:

[...] Naquele tempo nós tocava marcha, valsa, samba, frevo, xote, boquerão, mambo, mambo número oito era mambo muito conhecido, mambo número oito tantaranta tantaranta tantaranta tarantaran tarantaran ta, tan tan taran tan tan ranta tan tan taran ai que aquilo era muito animado, ai tocava, ai era Bis, e quando era o bis, então a música animada. Agora olha era saxofone, banjo, bateria, pandeiro e trombone, eram cinco pessoas, quando não ia o trombone, ia só os

quatro. Toquei muito naquele beiradão [...] era até o dia amanhecer [...] naquele tempo chamava festa, vamos numa festa, vamos tocar numa festa no beiradão. Olha naquele tempo tinha um motor que saía de recreio as vezes ia quatro, cinco, orquestra pro interior, vou com fulano, vou com o sicrano pro beiradão né, quatro, cinco, orquestra ia, num motor um ia pro Careiro, outro ia pro cambixe, outro dia pro Autazes, outro ia pra Manacapuru, pro Manaquiri. Era muito animado, geralmente começava 8 horas da noite, aí quando era meia noite a gente parava comia até 1 hora manhã, e depois voltava e ia até 6 horas da manhã. *(trecho de entrevista cedida por Nonato Brandão em 21.05.2018).*

No início para aprender mencionou que ouvia o rádio, e as vezes escutava somente uma vez para aprender a música “tirava tudo de ouvido”, afirma o músico Nonato, assim como outros músicos de seu tempo que utilizavam esse mecanismo para aprender as músicas. Citando ainda a entrevista, sobre o andamento das músicas, ele (Nonato) informou que a execução de algumas músicas era acelerada como no frevo, entretanto o baião com andamento um pouco mais lento que o samba, como era tocado os estilos.

Descrever sobre a trajetória musical de Nonato Guerreiro, Apolinário Jose - o Puíta -, e Aurélio do sax foi “mais fácil”, visto que havia dados levantados por entrevistas em campo. Outros músicos como descritos a seguir, durante a busca por registros de suas histórias, utilizou-se dados bibliográficos para não deixar de citá-los, pois também fazem parte da história musical do Careiro da Várzea, que são registrados no Livro *Careiro da Várzea História, Memória e atualidades, escrito pelo Desembargado do Estado do Amazonas, Antônio Carlos Marinho Bezerra (2016).*

Conforme a pesquisa houve músicos que seguiram carreira militar como Paulo Moises (falecido) e Antônio Batista(falecido), conhecido como *Toinho Meruoca*, ambos participaram do serviço militar, e tocavam em grupos famosos em Manaus, também viviam nesse trânsito entre Manaus e Careiro da Várzea, sendo solicitados frequentemente para tocar nas inúmeras festividades no interior. Os músicos que se dirigiram a capital sempre voltavam ao município do Careiro para animar as festas, como Paulo Alves Moises, segundo Bezerra (2016, p.274) “foi o precursor dos nossos astros do saxofone”. Ainda nos relatos do músico Nonato (78 anos) sobre o músico, em entrevista informou que “Paulo Moises é músico antigo, eu era menino quando o

Paulo Moises passava tocando naquela Careiro no motor, eu ficava na beira do barranco escutando aquelas músicas eu achava muito bonita”.

Nascido na Vila do careiro, no paraná do cambixe, em maio de 1916, e filho de cearenses da cidade do Crato, no estado do Ceará. Paulo Moises cedo se dirigiu a Manaus para servir no exército, seguindo o sonho de ser músico, e ‘ingressou na banda da Polícia Militar, onde se aperfeicou” (BEZERRA, 2016, p.274).

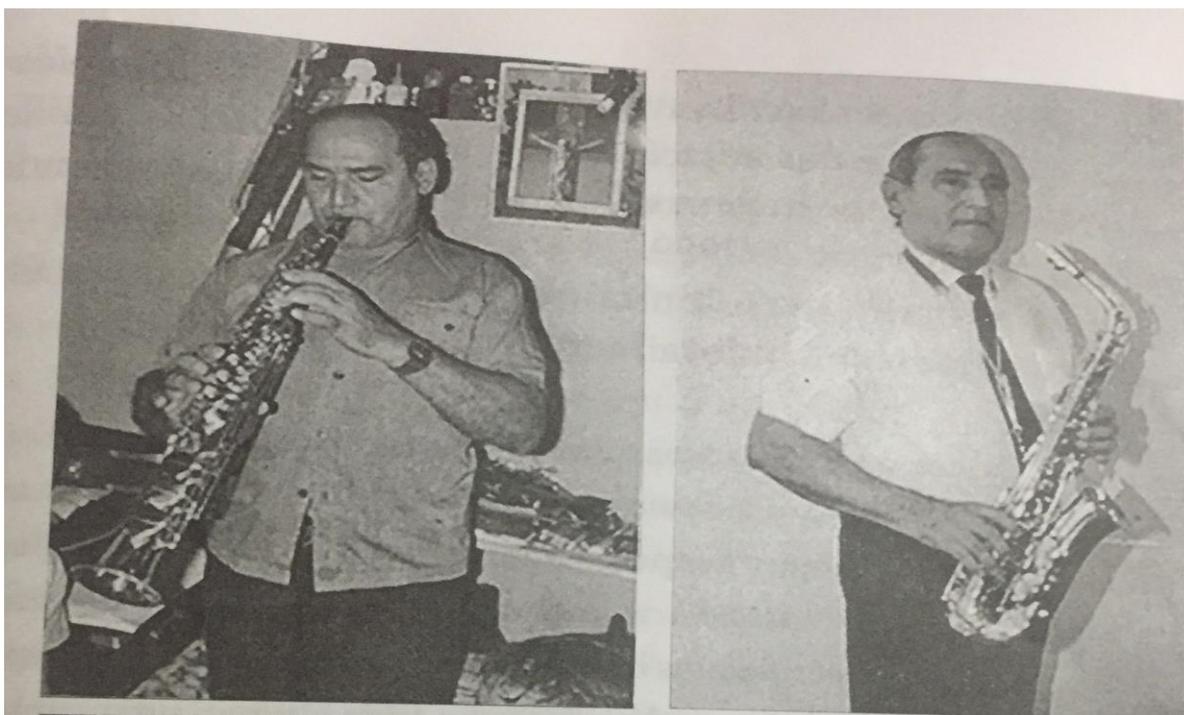


Figura 12 – imagem da esquerda Paulo Moises tocando saxofone soprano, e direita com seu saxofone alto. Acervo do livro Careiro da várzea história, memórias e atualidades. BEZERRA, 2016. p.274

Segundo o Sr. Valeriano (74 anos), “era a melhor orquestra que tinha no Careiro era dele”, ainda que morando em Manaus, sua atuação na Vila do careiro com sua orquestra data nas décadas de 1950 a 1960. Nas décadas de 70, migrou para Rio de Janeiro e seguiu sua vida tocando em bailes e festa de carnaval. Foi músico careirense que também teve uma trajetória musical ampla. Em setembro de 1994 veio a óbito, falecendo no Rio de Janeiro.

Em seguida, outro nome da música Careirense  Antônio batista, artisticamente Toinho Meruoca como era conhecido, nascido em 1932, na localidade do Curari grande, Careiro da Várzea, filho de nordestinos. Foi músico, e trabalhou como agente da polícia civil. Tocou em vários festejos na sede do Mánaca, e Careiro esporte. Conforme entrevista:

Praticamente na década de 60, entrando de 60 pra cá para os anos 70, foi então que surgiu então a orquestra do Toinho Meruoca, [...] tinha a orquestra também, filho do careiro [...] esse aí por sinal já dancei muito, já estava rapaz feito, dancei muito em festas tocadas por ele. (trecho da entrevista concedida por Valeriano Sotero, 16.05.2018).



Figura 13 – Imagem do músico Antônio Batista em reportagem do jornal sendo homenageado. Acervo do livro Careiro da várzea história, memórias e atualidades, BEZERRA, 2016. p.276

Bezerra (2016, p.276), confirma que no ano de 1977, publicam uma reportagem sobre sua trajetória musical. Como registrado na reportagem daquele ano, aos catorze anos, adquiriu seu primeiro instrumento musical um clarinete comprado de um primo, que lhe ajudou nas primeiras notas musicais. Tocou vários instrumentos de sopro, mas se destacou no trombone. Ele foi músico registrado na Ordem dos músicos do Amazonas, em 1962, segundo Bezerra (2016, p.275). Toinho dispunha de uma orquestra nomeada de "Toinho Meruoca e seus batutas", sua orquestra era presença marcante nas festas, tocando frequentemente nas sedes, e festejos na durante os 60 e 70. Firmou seu legado como músico durante aqueles anos. Faleceu em setembro de 1989.

Para finalizar a trajetória dos músicos, por meio de pesquisa bibliográfica e entrevista, do músico por nome Euprépio Pacheco, conhecido por Jaú, nascido no

Paraná do Careiro, hoje volta de seus 90 anos segundo relatos do Sr. Valeriano (74 anos) e Nonato Guerreiro (78 anos), em seu tempo de juventude tocou muito com Nonato Guerreiro, que reforçou em entrevista. Hoje reside no lago do Anveres, na rodovia Br- 319, dentro do município do Careiro da Várzea, trecho distante de Manaus, de difícil acesso. Infelizmente foi um músico que não houve contato, o pouco das descrições adicionados ao texto, foi mencionado por Nonato e por apoio da bibliografia de Bezerra (2016), em que dei um olhar breve em relatar a sua contribuição como músico careirense.

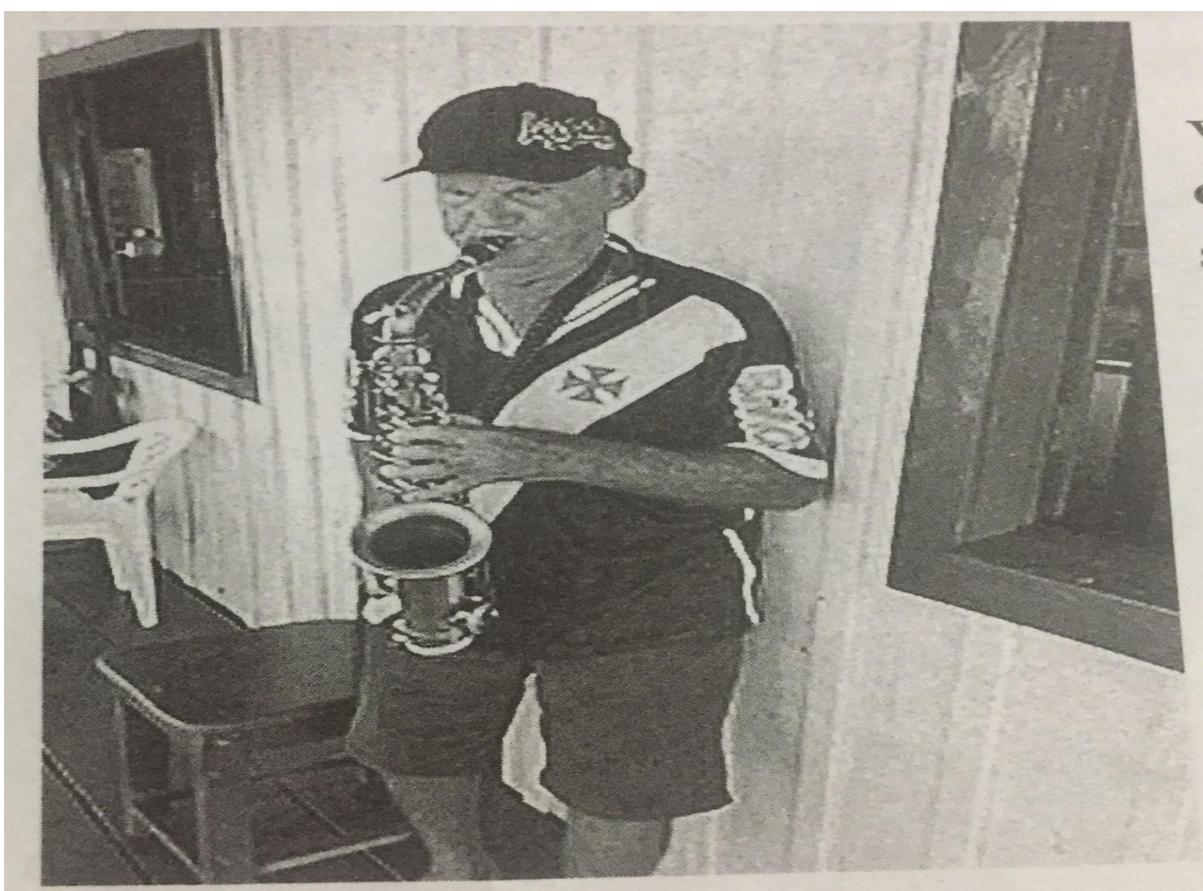


Figura 14 - Músico Euprêpio Pacheco, o Jaú. Tocando seu saxofone na comunidade do Anveres onde reside, município do Careiro da Várzea. Acervo pessoa, foto do autor 2015 (BEZERRA, 2016, p. 278).

Baseadas nas trajetórias desses músicos, suas vivências pessoais e carreiras foi construída através de muito esforço, desde a saída dos beiradões no Município do Careiro da Várzea em tempos que os adventos da tecnologia não se faziam presente, e objetos como o rádio era a tecnologia principal da época, em que maioria deles aprendiam as músicas pelas ondas curtas do rádio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi abordado nesta pesquisa a história do município do Careiro da Várzea, na cronologia de sua formação e origem, a fim de narrar o contexto da música do Beiradão, como prática existente nas localidades mencionadas, pois a música surgiu em meio a fatores históricos e socioculturais. A relevância desta pesquisa está relacionada a estudos sobre estas localidades voltadas para a música, visto que há uma escassez de registros sobre fatos musicais neste município.

Para desenvolver esta pesquisa, foram utilizadas matérias de apoio de outras áreas como geografia e história, através de artigos, livros e teses de doutorado, para entender a dinâmica em que foi construída as localidades, assim auxiliando a contar através da história oral, da memória e vivência de seus colaboradores dissecando e esclarecer questões sobre a escolha do tempo desta pesquisa. É essencial criar registros na vertente da música sobre essas localidades, pois faz parte da manifestação popular e cultural desta população.

Durante o período do PAIC (2015-2016), e o primeiro semestre de 2018 tendo a oportunidade de coletar dados relevantes para poder socializar sobre este tema de pesquisa, localizando os músicos e tendo a possibilidade de entrevistar dois dos quais três estão vivos, houve a possibilidade de experienciar através da escuta suas trajetórias e dos demais músicos com os quais tocaram nas épocas passadas nos beiradões e nas sedes do município, assim ouvindo seus relatos, suas histórias e causos.

Considerando a pesquisa em campo os resultados foram satisfatórios, pois levaram a conhecer e compreender as dinâmicas das localidades, os quais deram o viés de realizar uma releitura desde os primeiros habitantes até as décadas de 1970, em que influenciou a pesquisa sobre a música do Beiradão. Esta música, como qualquer outra, não é e nem pode ser estática em seu tempo e no futuro atual, pois sabemos que a música em qualquer parte da história da humanidade, sofre mudança ao longo do tempo, sempre atrelada ao processo de desenvolvimento do homem que há vivência, sendo inserida dentro do contexto histórico.

A visão dos músicos de Manaus, sobre os as músicas dos beiradões, é de realizar releituras dessas músicas que tanto tem uma identidade amazônica, como

identidade cultural nordestina, ou como identidade brasileira, devido a miscigenação que ocorre naturalmente dentro dos processos musicais.

Vários episódios foram relevantes durante pesquisa, mas um trouxe a reflexão: os músicos eram vistos como figuras importantes nas festividades, as pessoas se preparavam até uma semana antes para ir à festa, existia uma valorização desses músicos.

Os resultados coletados por esta pesquisa apontam que nas presentes décadas, os músicos aprendiam a tocar em casa com ajuda do pai que tinha um instrumento musical, ou por um primo ou tio, mas sempre tendo essas ligações familiares, visto que a música era ensinada de geração para geração, sendo filhos de famílias nordestinas que tiveram influências de seus antecessores. Aprendizagem se dava pela forma não convencional, através da imitação e audição, surgindo dentro do contexto familiar, consideram que esta forma de aprender muito influenciou nas formas de interpretação das músicas. Outro fator resultante da pesquisa está nas Sedes, pois eram pontos culturais de encontro da comunidade para vida social e financeira.

Através desta pesquisa pode-se refletir no universo que existiu nas localidades através de festas, bailes e festejos de santo que influencia e influenciou essa música, sendo marcante e presente, nesta região diferentes de outros interiores do Amazonas que ainda mantem a prática desta música. O município do Careiro da Várzea por esta muito próximo a capital, facilitou a migração de moradores para Manaus, iniciando mudanças em sua dinâmica, e conseqüentemente em suas músicas e práticas sociais, nas últimas duas décadas.

O acesso sendo facilitado pelas redes de comunicação, o advento da luz rural, a chegada da telefonia e da tecnologia passa a modificar os costumes das famílias Careirenses, pois nas décadas de 60 e 70 as questões de vida social eram baseadas em festas nas sedes.

Concluo que foi relevante descrever a história em seu contexto geral, para assim assimilar as nuances da música do Beiradão nessas localidades, e os fatores sociais e geracionais de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultura.** - Manaus: Valer, 1999.
- BEZERRA, Antônio Carlos Marinho. **Careiro da Várzea: História, memórias e atualidades.** - Manaus.: Valer, 2016
- BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização.** – Porto Alegre: Quatro projetos, 2012
- CARDOSO, Fernando Henrique; Müller, Geraldo. **Amazônia: Expansão do capitalismo.** – São Paulo: Brasiliense, 1977.
- CARDOSO, Evaristo S. **Almanaque municipal brasileiro: Estado do Amazonas.** – Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1970
- CARVALHO, David Ferreira. **Industrialização tardia e grandes projetos.** - Belém: Musel Paraense Emilio Goeldi, 1994
- COELHO, Geraldo Martines. **História e Identidade cultural na Amazônia.** - Belém: Musel Paraense Emilio Goeldi, 1994
- COSTA, Tony Leão da. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- FREITAS, Marcilio de. **Estudos da Amazônia contemporânea: dimensões da globalização.** - Manaus: Universidade do Amazonas, 2000
- FRAXE, Therezinha J. P. **Cultura Caboclo-Ribeirinha: Mitos, Lendas e Transculturalidade.** - São Paulo: ANNABLUME, 2004.
- IANNI, Octavi. **Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia.** - Rio de Janeiro: Civilização 1986
- MAIA, Alvaro. – **Beiradão.** – Manaus: Valer, 1958.
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade.** - São Paulo: Proj. História, 1997
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero.** - São Paulo: Proj. História, 2001
- NORBERTO, Rafael B. A. **Origem, localismo e autenticidade na música do beiradão amazonense: reflexões a partir do campo.** Vitória: Anppom, 2015.
- NOBERTO, Rafael B. A. **Espaços, trânsitos e sociabilidades em performance na “música do Beiradão”:** Uma etnografia entre músicos amazonenses. – Porto Alegre: Tese, 2016
- POLLACK, Michel. **Memória e identidade social: estudos históricos.** – Rio de Janeiro: 1992, vol. 5, n.10, p. 200 - 212

SILVA, Marilene Correia da. **Metamorfose da Amazônia**. - Manaus: Universidade do Amazonas, 1999

REILY, Suzel Ana. **A música e a prática da memória: uma abordagem etnomusicológica**. Música e Cultura: revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia, v. 9, n. 1, 2014.

ANEXO

__MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado(a) Senhor (a) _____

Esta pesquisa é sobre **A música do Beiradão nas localidades de Costa de Terra Nova e Careiro Vila nas décadas de 1960 a 1970 (sujeito a alteração do título da pesquisa do TCC)** e está sendo desenvolvida por **REBECA MACIEL SILVA**, do Curso de Música, da Universidade do Estado do Amazonas, sob a orientação do(a) Prof. DR. Bernardo Mesquita.

Os objetivos do estudo são: Descrever o contexto histórico cultural nas localidades de Costa de Terra nova e Careiro Vila; Narra a história da prática musical nas sedes; e a trajetória dos músicos nessas localidades. A finalidade deste trabalho é contribuir que não se perca a história musical dessas localidades, bem como o legado deixado para as futuras gerações, ressaltando que a história oral fomenta a prática a memória trazendo a luz fatos, causos, narrativas e acontecimentos de uma época que esteve adormecida na memória atual dessa população.

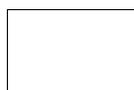
Solicitamos a sua colaboração para **Entrevista não estruturada**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de linguística, artes e música para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa é única e exclusivamente para registro histórico e musical das localidades em estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição **UEA**. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

MANAUS, ____ de _____ de _____


Impressão dactiloscópica

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora REBECA MACIEL SILVA. Telefone: 99198-0718 ou para a Coordenação do Curso de música da Universidade do Estado do Amazonas. Escola Superior de Artes e Turismo/ ESAT Endereço: Av. Leonardo Malcher, 1728, Praça 14 de Janeiro – Sobreloja. Bairro: Cachoeirinha – Manaus – Am: CEP: 69010-070 Fone: 3878-4415
E-mail: reemaciel@gmail.com